



Ana Sofia de Sousa Carvalho

# Personalização e Comunicação Política

## O Caso do Conselho Nacional do CDS-PP

Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Comunicação e Jornalismo, na área de Televisão, orientado pela Doutora Clara Almeida Santos e coorientado pela Doutora Isabel Ferin Cunha, apresentado ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

# Personalização e Comunicação Política

## O Caso do Conselho Nacional do CDS-PP

**Ficha Técnica:**

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>PERSONALIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO POLÍTICA O CASO DO CONSELHO NACIONAL DO CDS-PP</b>
<b>Autor</b>	<b>Ana Sofia de Sousa Carvalho</b>
<b>Orientador</b>	<b>Doutora Clara Almeida Santos</b>
<b>Coorientador</b>	<b>Doutora Isabel Ferin Cunha</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Ana Teresa Peixeiro</b>
	<b>Vogais:</b>
	<b>1. Doutor José Manuel Portugal</b>
	<b>2. Doutora Clara Almeida Santos</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Comunicação e Jornalismo</b>
<b>Área científica</b>	<b>Jornalismo</b>
<b>Especialidade</b>	<b>Televisão</b>
<b>Data da Defesa</b>	<b>14-10-2013</b>
<b>Classificação</b>	<b>13 valores</b>



## ***Índice***

Resumo/Abstract _____	4
Introdução _____	5
História da SIC _____	6
Trabalhos de Estágio _____	9
A Personalização e Comunicação na Política _____	20
Personalização e Comunicação no Conselho Nacional do CDS- PP _____	24
Balanço do Estágio _____	46
Conclusão _____	51
Bibliografia _____	55
Anexos	

## **Resumo**

O relatório que apresento tem como objetivo descrever e analisar o estágio curricular realizado na SIC (Sociedade Independente de Comunicação), entre 28 de novembro de 2012 e 27 de maio de 2013.

Início a exposição fazendo uma referência à história do canal de televisão português, seguindo-se uma descrição de alguns trabalhos que realizei e outros em que participei, tais como entrevistas e reportagens. De seguida é feito um enquadramento teórico assente na personalização e na comunicação política, para depois fazer a análise dos produtos jornalísticos relacionados com os temas que este trabalho abarca.

No final, faz-se uma síntese crítica do estágio, apontando as vantagens e desvantagens da sua realização, bem como os contributos e as dúvidas suscitadas. Em suma, as questões que coloco são: será legítimo coibir um jornalista de ser um ser humano provido de sentimentos, sobretudo, quando está a fazer um direto? Não seria benéfico conciliar a componente teórica com o estágio? Para quê um curso em Jornalismo?

## **Abstract**

The present report aims to describe and analyze curricular internship at SIC (Society of Independent Communication), between November 28 of 2012 and May 27 of 2013.

Home exposure by a reference to the history of portuguese television channel, followed by a description of some work I have done and others that participated, such as interviews and news reports. Then it made a theoretical framework based on personalization and political communication, and then do the analysis of journalistic products related to the topics that this work encompasses.

In the end, it is critical synthesis of internship, pointing out the advantages and disadvantages of its completion, as well as the contributions and questions raised. In short, the questions I pose are: is it legitimate to restrain a journalist to be a human being fitted with feelings, especially, when you are doing a direct? It would not be beneficial to combine the theoretical with the internship? Why a course in Journalism?

## **Introdução**

Ao longo de seis meses tive a oportunidade de estagiar na redação de informação da SIC, o primeiro canal de televisão privado em Portugal. Comecei na agenda, depois passei para a edição de fim-de-semana, fiz duas semanas nas madrugadas informativas da SIC Notícias e terminei o meu percurso na editoria de política.

O relatório que apresento tem como objeto de análise um dos trabalhos que acompanhei na editoria de política - o "Conselho Nacional do CDS-PP", onde os temas em análise foram, essencialmente, a avaliação da remodelação no Governo e a ausência de Paulo Portas na cerimónia de tomada de posse dos novos ministros. Torna-se, portanto, imperativo recordar e analisar a peça da SIC sobre a tomada de posse para analisar o discurso dos intervenientes nos TH (*talking head*) e a estrutura e texto da peça da SIC referente a estes temas.

No entanto, o estágio não se encerra neste trabalho e, como tal, antes disso vou elencar os dez trabalhos que pontuaram a minha aprendizagem na SIC, ao que se segue uma contextualização teórica sobre a personalização e a comunicação na política. Mas para começar há que fazer referência à história do canal 3, que já conta com 20 anos, nomeadamente, de serviço informativo e educativo, porque ela é uma instituição de ensino para muitos estagiários como eu.

Para o fim fica o balanço do estágio, onde refiro os aspetos positivos e negativos do percurso que fiz na SIC e onde reflito sobre a aplicabilidade dos conhecimentos que adquiri na faculdade na prática jornalística.

O conteúdo das páginas que se seguem pretende espelhar a minha experiência e aprendizagem enquanto jornalista, sem descurar a reflexão crítica e objetiva dos temas que enuncio.

## ***História da SIC***

A RTP foi, durante 35 anos, o único canal de televisão a que os portugueses tinham acesso. O "reinado", sem concorrência, do canal de serviço público terminou no dia 6 de outubro de 1992. Eram 16:30h quando Alberta Marques Fernandes abriu a emissão do primeiro canal privado português, ao ler as notícias do dia.

Francisco Pinto Balsemão e uma pequena equipa técnica são responsáveis pelo nascimento da Sociedade Independente de Comunicação (SIC). Durante dois anos fizeram estudos, elaboraram dossiês, juntaram acionistas e definiram uma estratégia para se candidatarem à licença para um dos dois canais privados que o Governo lançou a concurso. A SIC ficou com o canal 3 e o canal 4 ficou para a Igreja.

Muito já havia sido mostrado e visto na televisão portuguesa. Mas o novo canal estava agora a nascer e era urgente ter imagens para mostrar no pequeno ecrã. Por isso, três meses antes da estreia da SIC a equipa de arquivo do canal percorreu Portugal de "fio a pavio" para filmar as fachadas dos tribunais, hospitais, escolas e tantas outras imagens que identificam cada cidade do nosso país. Feitas as contas, foram recolhidas cerca de 80 horas de imagens. A SIC foi construindo o seu arquivo, que hoje ajuda a relatar as notícias que compõem a ordem do dia. A título de curiosidade e de acordo com o *Livro de Ouro - SIC 20 Anos*, a redação de informação usa cerca de 150 a 200 excertos de gravações por dia.

Sediada há 20 anos no número 119 da Estrada da Outurela, a SIC foi ocupar aquele que havia sido um armazém de bananas. No dia 6 de outubro o espaço ainda estava em obras, mas à hora dos noticiários as máquinas silenciavam-se e davam voz aos pivôs! A emissão começava às 16:30h e terminava por volta da 01:00h. No que diz respeito à informação existiam três programas: o *Primeiro*

*Jornal*, o *Jornal da Noite* e a *Praça Pública* (um programa apresentado por Júlia Pinheiro, Nuno Santos e Conceição Lino e que percorreu o país de “lés a lés” para ouvir os problemas dos portugueses).

Seis anos depois, a informação da SIC já estava solidificada e o *Jornal da Noite* atingiu a liderança de audiências. A emissão começava mais cedo e, portanto, o *Primeiro Jornal* começava às 13:00h e ao longo de muitos anos com Rodrigo Guedes de Carvalho, Paulo Nogueira, Paulo Camacho, Fernanda Oliveira Ribeiro, Cláudia Borges, Pedro Mourinho, Maria João Ruela e Bento Rodrigues, este último é agora pivô deste bloco informativo. Às 20:00h em ponto começava o *Jornal da Noite* que, ao longo de dez anos, foi conduzido por José Alberto Carvalho e que, desde 2002, foi substituído por Rodrigo Guedes de Carvalho em parceria com Clara de Sousa, os mesmos que agora asseguram a emissão, mas a solo. O *Jornal da Noite de Fim de Semana* teve, ao longo de vinte anos, como principais pivôs Rodrigo Guedes de Carvalho, Nuno Santos, Miguel Sousa Tavares, Conceição Lino, Cláudia Borges, Paulo Camacho e, nos últimos anos, Maria João Ruela. Recentemente o *Jornal de Fim de Semana* foi dividido entre sábado e domingo, estando a coordenação e a apresentação dos jornais de sábado a cargo de Maria João Ruela e Pedro Mourinho dos jornais de domingo. O *Último Jornal* entrava no horário de fim de noite e os pivôs deste noticiário foram Paulo Camacho, Alberta Marques Fernandes e Cláudia Borges. Os *Extras SIC* existiam, também, para dar conta das notícias de última hora e que, por isso, interrompiam a emissão sempre que fosse necessário. Para discutir temas de maior complexidade existia o programa *Viva a Liberdade*, conduzido por Miguel Sousa Tavares e com António Barreto e Pacheco Pereira como comentadores residentes.

Em 1998, a SIC trouxe para Portugal o conceito de itinerância informativa. Durante uma semana o *Primeiro Jornal* visitava uma cidade. O primeiro foi emitido a partir do Porto e, mais tarde, de Braga.

A SIC renasceu em 2001 através do surgimento de um canal temático - a SIC Notícias. Desde 8 de janeiro que os portugueses podem ter acesso à informação 24 horas por dia. Devido ao surgimento de um canal exclusivamente informativo, em 2001, o canal generalista não teve novos programas de informação.

Os desafios impostos pelas novas tecnologias levaram a SIC para a internet a 23 de abril de 2001. Nasceu a SIC Online. Daqui em diante, todas as informações sobre o canal, os programas e as notícias de última hora estavam à distância de um clique.

No ano 2002 criou-se um novo bloco informativo, a *Informação da Manhã*, apresentado por Bento Rodrigues de segunda a sexta-feira. Atualmente o programa mantém-se com um novo nome - *Edição da Manhã* - e é transmitido em simultâneo na SIC e na SIC Notícias, com a apresentação de João Moleira, também de segunda a sexta-feira. Em 2002 inicia-se o processo de integração das três redações: SIC, SIC Notícias e SIC Online. A estação sentiu necessidade de reorganizar as suas equipas, métodos de trabalho e gestão editorial para poder responder aos telespectadores que, graças à evolução das tecnologias, começaram a procurar informação em qualquer hora e local.

Estávamos em 2007 quando a SIC aderiu à *Mobile TV*, disponibilizando as emissões da SIC e da SIC Notícias no telemóvel.

A informação da SIC, passados 20 anos de história, conta com "mais de 15 000 jornais já emitidos"<sup>1</sup> e mantém

---

<sup>1</sup>GUÉGUÉS, Helder (2011). *Livro de Ouro - SIC 20 Anos*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores S.A., pág. 63.



aquela que chamam de obsessão feliz pelo direto e pelo extra, tendo como objetivo a procura da “melhor história e a melhor forma de servir o direito do telespectador a ser informado”<sup>2</sup>.

## **Trabalhos de Estágio**

Estágio (de 28 de novembro de 2012 a 27 de maio de 2013)						
novembro	Dezembro	Janeiro	fevereiro	março	abril	maio
Agenda	Agenda	Agenda (até 11 de janeiro)/Edição de Fim de Semana (a partir de 14 de janeiro) (de 26 de janeiro a 1 de fevereiro - Madrugadas)	Edição de Fim de Semana	Edição de Fim de Semana (de 23 a 29 de março - Madrugadas)	Editoria de Política (a partir de 1 de abril)	Editoria de Política

*Quadro 1 – Estágio (de 28 de novembro de 2012 a 27 de maio de 2013)*

No dia 28 de novembro de 2012, quarta-feira, comecei o estágio na SIC. Na primeira hora fui conduzida pelos corredores da instituição e depois de conhecer cada local apresentaram-me as minhas coordenadoras na agenda, onde fiquei durante um mês e doze dias (quadro 1), revezando-me com outro estagiário ao cumprir o horário da manhã (das 09:00h às 17:00h) ou da tarde (das 12:00h às 20:00h). O trabalho consistia em agendar eventos que nos eram sugeridos por *e-mail*, pelos responsáveis da organização dos eventos e que encontrávamos nos jornais e nas revistas, para além disso, também atendíamos os telefonemas de pessoas que queriam contar-nos as suas histórias. Dependendo do impacto do que nos relatavam, pedíamos a documentação que fundamentava o que havia sido dito e, também, o contacto para que o jornalista que ficasse com o caso pudesse ligar para saber mais pormenores, ou até marcar uma entrevista.

<sup>2</sup>GUÉGUÉS, Helder (2011). *Livro de Ouro - SIC 20 Anos*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores S.A., págs. 63 e 64.

A agenda é a base da cadeia informativa e é através dela que se planeia o trabalho do dia seguinte. Todos os dias, por volta das 15:00h, os coordenadores de todas as editorias e a coordenadora da agenda reúnem para decidir o que vai ser feito no dia seguinte. Na reunião podem ser dadas sugestões de reportagem mas as decisões, em regra, são tomadas com base nos agendamentos feitos pela equipa da agenda, que conta com dois estagiários e quatro jornalistas: Ana Marisa Silva, Ana Luísa Galvão, Conceição Andrade e Isabel Santana.

Bernard C. Cohen foi pioneiro no estudo do agendamento e do seu controle. Em 1963, o cientista político norte-americano dizia que "para o editor de um órgão de informação o normal é publicar ou difundir os assuntos que as pessoas gostam de ler ou ouvir. Mas, quando esse editor coloca mais ênfase neste ou naquele assunto, está obviamente a influenciar o pensamento e as conversas das pessoas que vão prestar atenção a esse meio de informação"<sup>3</sup>. A agenda, de facto, tem a capacidade de definir o menu dos temas que a opinião pública comenta e o trabalho dos jornalistas, através da escolha de determinados eventos ou histórias em detrimento de outros. O conceito foi determinado, mais tarde, pela Teoria do Agendamento, formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw em 1970.

A 14 de janeiro transitei para a edição de fim de semana, local onde entrava, de terça-feira a sábado, às 10:00h e de onde saía às 18:00h (horários que podiam variar consoante o agendamento dos trabalhos). Na edição de fim de semana pude aprender e acompanhar o trabalho de Cristina Boavida, Raquel Marinho, Rui Pedro Reis, Cláudia

---

<sup>3</sup>LIMA, Fernando (2011). "A importância da agenda" in *Revista Campaigns & Elections Brasil*, nº1. S.l.: Political World Communications LLC, pág. 62.

Araújo (produtora de informação dos jornais de sábado) e de Maria João Ruela, minha coordenadora durante cerca de 2 meses e 16 dias. Nas primeiras semanas acompanhei as reportagens de Raquel Marinho e de Cristina Boavida e daí em diante acompanhei e colaborei com Rui Pedro Reis em alguns trabalhos, o que ocorreu durante grande parte do tempo que estagiei na edição de fim de semana.

O primeiro trabalho que fiz a título individual, com o repórter de imagem Nuno Fróis, foi para uma peça do Rui Pedro Reis e consistiu na execução de uma entrevista a Carlos Barbosa (Presidente da ACP - Automóvel Clube de Portugal), a propósito da manifestação que os ciclistas organizaram, em todo o país, contra a sinistralidade nas estradas que já vitimou muitos condutores de velocípedes. A entrevista aconteceu em casa de Carlos Barbosa, um meio onde não estava à vontade, o que terá motivado demasiadas perguntas extensas, contudo, o resultado final foi positivo.

Entre o dia 26 de janeiro e 1 de fevereiro de 2013 trabalhei nas madrugadas informativas da SIC Notícias, das 00:00h às 06:00h, coordenada pela pivô Patrícia Carvalho. Neste local o trabalho centrou-se na escrita de *offs* (cerca de seis por noite) a partir dos *feeds* da Lusa, Reuters e APTN (agências noticiosas) definidos pela pivô, na confirmação, via telefone, de um acidente ou evento de que tivéssemos informação através dos *feeds* da Lusa (agência de notícias portuguesa) e na montagem de pequenos blocos de imagem (de cerca de 30 segundos), para acompanhar os *offs* que iam sendo feitos.

Analisando o trabalho feito pela pivô das madrugadas, podemos dizer que estamos perante uma *gatekeeper* (selecionadora de informações), já que ela era responsável pela seleção das notícias que incluía no alinhamento dos jornais que apresentava. O conceito surge pela mão de

David White, em 1950, e divide-se entre *gatherers* e os *processors*. Os *gatherers* são responsáveis por recolher informação, os quais se enquadram na função dos jornalistas que trabalham na agenda; por outro lado, os *processors* são aqueles que transformam e apresentam a informação, trabalho que Patrícia Carvalho desenvolvia<sup>4</sup>. Não obstante, na categoria dos *gatherers* incluem-se todos aqueles que estão “voltados para o exterior, para as fontes, e têm um trabalho nada rotineiro, ou seja, uma tarefa que não é nada monótona, mas é, muitas vezes, imprevisível, como seja a verificação da autenticidade das notícias, a sua seleção e o seu comentário. Repórteres, redatores, entrevistadores, editorialistas fazem parte desta categoria de jornalistas, mesmo que uma parte do seu trabalho se faça na redação (*desk*)”<sup>5</sup>; nos *processors* incluem-se “...os mais sujeitos a um processo rotineiro, uma tarefa algo repetitiva, uma vez que têm de trabalhar a informação, reescrever os artigos, voltando-se para a audiência (...). Pertencem a esta categoria as secretárias de redação, os chefes de edição e os apresentadores”<sup>6</sup>. Ao contrário do que diz Rémy Rieffel sobre os *gatherers*, a confirmação da uma notícia e a sua seleção fazem parte, a grande maioria das vezes, da competência da agenda, o que, como já referi, acaba por ser um trabalho rotineiro, embora tenha uma componente de imprevisibilidade, uma vez que lida com o cidadão comum.

Depois de concluir uma semana de madrugadas voltei à edição de fim de semana. Entretanto, realizei uma entrevista a um gerente de uma smartshop, também para uma peça do Rui Pedro Reis, numa altura em que a ASAE deixou

---

<sup>4</sup>Cf. RIEFFEL, Rémy (2003). *Sociologia dos Media*. Porto: Porto Editora, pág. 139.

<sup>5</sup>*Ibid.*

<sup>6</sup>*Ibid.*

as prateleiras das smartshops vazias, com a apreensão de incensos, de produtos cuja descrição não correspondia ao conteúdo da embalagem, entre outros. A minha tarefa era apurar o impacto que esta ação causou neste negócio. A entrevista com um gerente de uma smartshop ficou agendada e há hora marcada, eu e o repórter de imagem (Franco Santos), estávamos na loja. O repórter de imagem entrou no estabelecimento sem câmara para observar o espaço, enquanto eu falava com o responsável da loja, fazendo, inclusivamente, algumas das perguntas que tinha planeado e às quais respondeu "off the record" (fora da gravação). Posto isto, pedi ao repórter de imagem para ir buscar a câmara. Depois de ele ter feito a captação de algumas imagens chamou-nos para a frente da objetiva, pedido que o gerente da loja recusou, dizendo que não queria dar a cara. O repórter de imagem tentou ajudar-me, procurando fazer com que alguém falasse connosco, mas o responsável da loja não autorizou e considerou a atitude de Franco Santos imprópria. Como solução, propus-lhe que fizéssemos uma entrevista via telefone, mas não obtive resposta. Este trabalho foi, sem dúvida, marcante pelos contornos que o impossibilitaram.

Algum tempo depois, fiz dois trabalhos, no mesmo dia, de que gostei particularmente. Após captar uma declaração de Jerónimo de Sousa, fui destacada para fazer uma reportagem, encomendada por Francisco Pinto Balsemão para o *Jornal da Noite de Sábado*, sobre o futegolfe<sup>7</sup>, um desporto novo em Portugal que alia as regras do futebol às do golfe. Este trabalho era inesperado e, como tal, dispunha de muito pouca informação sobre o evento que ia cobrir e, para além disso, quando chegámos ao local os jogos tinham terminado. Entretanto, o repórter de imagem

---

<sup>7</sup>Anexo 1 (CD).

(Jaime Franco - Freelancer) que me acompanhou reconstituiu um jogo com a ajuda de uma equipa de jovens portugueses. De uma reportagem onde aparentemente não tínhamos imagens para contar o que é o futegolfe, resultou uma peça de cerca de 1:51m. Na noite do mesmo dia, fiz a cobertura do aniversário de Carlos Brito. Neste trabalho o objetivo era acompanhar os diretos de José Manuel Mestre (jornalista da editoria de política) e captar as "bocas" (designação da gíria jornalística para declarações) de algumas personalidades presentes no encontro. Não consegui algumas declarações porque para além do repórter de imagem (Franco Santos) estar, por vezes, a fazer imagens noutra local, não vi os jornalistas dos outros meios de comunicação fazer perguntas. Este foi o primeiro trabalho na área da política e durou cerca de seis horas (das 20:00h à 01:00h), período no qual experimentei duas qualidades profissionais do jornalista, o sacrifício pessoal e a disponibilidade permanente<sup>8</sup>. Neste trabalho também dei conta de que é imperativo estar com atenção ao que os outros jornalistas fazem e que de modo algum devemos sair de perto do repórter de imagem que nos acompanha.

Na noite de 15 de fevereiro um asteroide passou junto à terra e eu e o repórter de imagem, Manuel Ferreira, fomos acompanhar o acontecimento a partir do Observatório Astronómico de Lisboa<sup>9</sup>. A maior dificuldade foi a captação de imagens do objeto, uma vez que era pouco visível, ainda assim, conseguimos acompanhar o percurso do asteroide fazendo imagens a partir de uma tela providenciada pelo observatório. O texto desta peça foi escrito pelo jornalista Luís Manso, que me ensinou como se escreve um texto para televisão. Este trabalho marcou-me pelo facto

---

<sup>8</sup>Cf. CAMPONEZ, Carlos (2011). *Deontologia do Jornalismo*. Coimbra: Edições Almedina, pág. 49.

<sup>9</sup>Anexo 2 (CD).

de ter sido sobre um acontecimento raro e, também, porque foi a partir dele que me ensinaram a utilizar técnicas que facilitam a escrita televisiva (ex.: colocar dados referenciais no início - data, hora, se é noite ou dia, número de pessoas no local - para depois desenvolver o texto a partir daí).

No dia 23 de fevereiro tive a oportunidade de fazer uma conferência de imprensa do partido político Bloco de Esquerda (BE). Foi a primeira conferência de imprensa que fiz e à qual fui, como tal, tinha algumas expectativas e algum receio de que não pudesse fazer perguntas, porque imaginava que existia uma "competição" entre os jornalistas para fazer as questões que cada um queria ver respondidas. No caminho para a sede do BE fui falando com o repórter de imagem (Nuno Fróis) sobre as perguntas que tencionava fazer e ele acabou por dar-me alguns conselhos. No fim o balanço foi muito positivo, os jornalistas fizeram as suas questões calmamente e eu consegui fazer duas perguntas. O trabalho que fiz resultou em dois blocos de imagem com declarações, ou seja, TH (*talking head*) de João Semedo para a SIC Notícias.

A 2 de março de 2013, o dia mais marcante de todo o percurso na SIC, acompanhei a reportagem da "Manifestação - Que se lixe a Troika"; onde assisti, pela primeira vez, à preparação e execução de um direto. Os valores de entreaajuda, companheirismo e abnegação foram-me revelados e transmitidos pela Joana Latino (jornalista da equipa de domingo) e pelo Rui Reino (repórter de imagem - Freelancer), que generosamente me ensinaram tudo o que podiam e acharam pertinente. Aprendi, nomeadamente, que não existe "perfeição". O primeiro direto, em frente ao Ministério da Educação, realizar-se-ia às 13:00h mas o equipamento técnico falhou. Não houve direto e esperámos que nos trouxessem outro material que o viabilizasse. Mais

tarde, Joana Latino entrevistou, em direto, um jovem, o “líder” da manifestação, e perguntou-lhe se tinha consciência de que estava a comandar uma manifestação e, nesse momento, ele abraçou-a. O abraço que o jovem deu à Joana e que ela retribuiu foi alvo de crítica dos seus pares mas aplaudido pelo público, de quem está próxima através das redes sociais, onde deixaram as suas opiniões; isto porque para a jornalista o público é considerado a fonte de legitimidade, uma vez que diz que é para ele que trabalha, não se mostrando muito sensível à reprovação dos seus pares. A questão que se pôs foi: a Joana agiu bem em retribuir o abraço? Há quem responda que é “inviável qualquer tentativa de opor as emoções à informação ou de atribuir uma carga pejorativa aos traços emotivos da comunicação televisiva, nomeadamente no campo da informação”<sup>10</sup>; porém, “...avulta a querela entre distanciamento e envolvimento, entre um jornalismo baseado num esforço de «recuo analítico» e a adesão à afetividade gerada no calor dos acontecimentos”<sup>11</sup>. Seja como for o dia foi rico em aprendizagem. Recordo apenas duas ideias: o meio condiciona sempre o trabalho, neste caso, a moldura humana ditava as perguntas e o posicionamento da jornalista, e menos é mais, ou seja, precisamos de dar a informação essencial sem pormenorizar demasiado, porque o espectador só sabe o que lhe contamos.

Dias depois fiz a minha primeira peça, cujo tema era o fim do passe social da Vimeca<sup>12</sup>. As entrevistas foram produzidas e feitas por mim, assim como o texto que foi posteriormente corrigido pela Maria João Ruela. Este

---

<sup>10</sup>LOPES, Felisbela (2008). *A TV do Real - A Televisão e o Espaço Público*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra, pág. 126.

<sup>11</sup>MESQUITA, Mário (2004). *O Quarto Equívoco - O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra, pág. 50.

<sup>12</sup>Anexo 3 (CD).



trabalho foi executado por fases, porque as entrevistas e o Vox Pop tiveram que ser marcados em dias diferentes, por questões de disponibilidade. A peça ficou com 2:17m e foi sonorizada por Isabel Osório (jornalista da equipa de sábado). Como resposta a esta peça, a Vimeca, empresa de transportes públicos, enviou-nos um comunicado<sup>13</sup>, onde diz que o passe social se mantém até 30 de junho de 2013. Ao fazer este trabalho apercebi-me da dificuldade em fazer uma peça num curto espaço de tempo, tentando, nomeadamente, conjugar a disponibilidade dos diferentes intervenientes na peça jornalística. Para além disso, pude comprovar a tese de que "...o jornalista pode servir diretamente os interesses concretos dos cidadãos, produzindo mudanças palpáveis no seio da sociedade (...) e ser, pois, um ator da sociedade"<sup>14</sup>.

A segunda peça que fiz, com entrevistas e texto escrito por mim, posteriormente corrigido por Maria João Ruela, foi sobre vales de desconto. O que me fez gostar do trabalho foi o facto de ser à volta de um tema interessante - o processo de elaboração dos descontos e a gestão das compras a partir dos descontos que se colecionam. Eu e o repórter de imagem (Bernardo Bogarim - Freelancer) trabalhamos em equipa e o resultado foi muito positivo. Apesar de saber que é importante dialogar com o repórter de imagem sobre o trabalho que pretendo desenvolver e trocar ideias, foi com esta reportagem que percebi o quão essencial é esse diálogo para que o resultado final seja o melhor possível. A peça passou no *Primeiro Jornal* e no *Jornal da Noite de Sábado* e tem a duração de cerca de 1:54m<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup>Anexo A.

<sup>14</sup>RIEFFEL, Rémy (2003). *Sociologia dos Media*. Porto: Porto Editora, pág. 150.

<sup>15</sup>Anexo 4 (CD).

Entre os dias 23 e 29 de março de 2013 decorreu a última semana de madrugadas informativas, das duas a que estive destinada. Nos primeiros dois dias tive como coordenadora a pivô Sara Pinto, que me ensinou, nomeadamente, a retirar vídeos da internet para inserir no XPRI (programa de edição de imagem), e nos dias que se seguiram a minha coordenadora foi, de novo, Patrícia Carvalho. Tal como havia dito, o trabalho que fazíamos centrava-se, essencialmente, na redação de *offs*, na montagem de pequenos blocos de imagem que os acompanham, na confirmação de um acontecimento via telefone e no acompanhamento dos noticiários da TSF, para enviar ao pivô enquanto ele está a apresentar o noticiário.

Em abril comecei a estagiar na editoria de política, local em que fiquei até ao fim do estágio. O trabalho que desenvolvíamos nesta editoria consistia no acompanhamento do trabalho dos jornalistas afetos à equipa. Neste local cumpria o designado horário da tarde, das 12:00h às 20:00h, no entanto, o horário variava de acordo com os trabalhos que acompanhava. Ao longo de um mês e quinze dias acompanhei o trabalho de Bernardo Ferrão, Carla Rodrigues, José Manuel Mestre e Paula Santos, minha coordenadora ao longo do tempo que estive na editoria. De fora fica Débora Henriques que também faz parte da equipa de política mas que, infelizmente, nunca tive oportunidade de acompanhar. Sem demérito pelos restantes locais por onde passei, foi nesta editoria que mais me senti acompanhada e onde considero que mais aprendi. Muitos foram os trabalhos que acompanhei, desde o debate quinzenal na Assembleia da República até ao 39º Aniversário do Partido Social Democrata (PSD), mas apenas um constitui uma "avalanche" de aprendizagem - o Conselho

Nacional do CDS-PP<sup>16</sup> -, por isso, serve de objeto de análise a este relatório.

Volvidos poucos dias após a minha entrada na editoria de política deram-me a possibilidade de perceber como se fazia a cobertura de um conselho nacional de determinado partido. Acompanhei, por isso, Carla Rodrigues e Mário Cabrita (repórter de imagem - que depois de muitas horas foi substituído por Carlos Aranha). Os diretos foram uma constante, por causa dos canais informativos, mas, em alguns deles, não havia nada para dizer. Constatei que, por vezes, o exercício de fazer um direto pode ser bastante complicado porque, nestes casos, tem que se voltar a dizer o que já foi dito mas sem o dizer da mesma forma. Notei, também, que é muito importante ter uma boa relação e comunicação com os assessores de comunicação dos partidos, porque são eles que fornecem ao jornalista os dados que são transmitidos aos telespectadores. Aliás, "os homens políticos procuram manter e aumentar a dependência dos jornalistas"<sup>17</sup> das fontes políticas oficiais. Neste dia, também me apercebi que os militantes que falam aos jornalistas "on the record" (em frente às câmaras) são os "moços de recado" do secretário geral do partido, neste caso, de Paulo Portas. Este trabalho tornou-se importante não só pelas razões que já invoquei mas, também, pelo facto do conselho nacional se ter realizado numa altura em que a ausência de Paulo Portas na tomada de posse dos novos ministros era o tema quente da política portuguesa.

---

<sup>16</sup>O Partido do Centro Democrático Social - Partido Popular (CDS-PP) é um partido político português fundado a 19 de julho de 1974. O CDS é inspirado pela Democracia Cristã, pelo Conservadorismo e pelo Liberalismo Clássico. À data da fundação o CDS declarou-se como partido centrista, no entanto, tinha um grande número de apoiantes de direita. Ao longo do tempo, o partido foi alterando a sua designação, como tal, em 1975 chamava-se Partido do Centro Democrático Social, em 1993 Partido do Centro Democrático Social - Partido Popular, em 1995 Partido Popular e desde 2009 até hoje chama-se CDS - Partido Popular.

<sup>17</sup>RIEFFEL, Rémy (2003). *Sociologia dos Media*. Porto: Porto Editora, pág. 143.

O evento começou às 11:30h e terminou por volta das 20:00h, para o fim o cansaço dos jornalistas era visível. Os assessores de Paulo Portas, sabendo disso, providenciaram um jogo de despiste à volta do carro do secretário geral do CDS-PP. A dúvida sobre quem ia fazer o direto da porta de saída, para "apanhar" Portas, ou da sala de imprensa, onde falava João Almeida (porta-voz do CDS), estava instalada. A SIC esperou na porta de saída, em conjunto com outros canais de televisão, e conseguiu fazer a pergunta à qual Paulo Portas respondeu. O Ministro dos Negócios Estrangeiros guardou para o fim do dia a declaração que havia de encerrar a pergunta: "Porque é que não estive na tomada de posse dos novos ministros?".

As páginas que para trás ficaram são poucas para relatar seis meses de trabalho, mas os dez trabalhos que mencionei foram os que me enriqueceram e que me fizeram perceber o quão difícil e ao mesmo tempo apaixonante pode ser a profissão de jornalista.

### ***A Personalização e Comunicação na Política***

A política sempre foi um espetáculo, uma encenação e uma dramatização, de acordo com Mário Mesquita. Como tal existe um guião pelo qual políticos e jornalistas se guiam para acompanhar os eventos e escolher os atores principais.

Há quem diga que a personalização na política se deve à evolução dos *media*, nomeadamente da televisão, o que tornou imperativa a apresentação de notícias políticas baseadas nas personalidades e não nas ideias. Com o decurso do tempo, os partidos políticos deixaram de ser vistos como organizações políticas defensoras de determinadas ideias e programas para passarem a ser os partidos de determinadas pessoas. A credibilização da

imagem tornou-se possível com o surgimento da televisão e, com ela, "A boa imagem (...) converte-se na base do poder e influência dentro do partido político" podendo chegar "a ser o requisito para a seleção de líderes e candidatos"<sup>18</sup>. Não obstante, os jornalistas recorrem à personalização para humanizar determinado acontecimento, o que se consubstancia na cobertura de um evento e do decurso dos respetivos trabalhos colocando o foco nas personalidades envolvidas. Mas essa atenção não é desinteressada, uma vez que é dessas pessoas que os jornalistas se alimentam para dar notícias, contudo, o acesso a essas fontes de informação "é regulado primeiramente pela organização partidária"<sup>19</sup>. Assim sendo, pode dizer-se que "Nos bastidores da ação política os intervenientes planeiam e organizam antecipadamente os acontecimentos, numa tentativa de balizar o resultado final da cobertura jornalística de uma forma que lhes seja favorável."<sup>20</sup>. A comunicação política é, portanto, fruto de "um conjunto de técnicas e processos utilizados pelos atores políticos, sejam eles pessoas singulares ou coletivas, a fim de influenciar a opinião"<sup>21</sup>. Para além da personalização, a teatralização é outra das técnicas utilizadas pelos atores políticos, ensaiada pelo assessor de comunicação. Os políticos assumem o papel de atores que agem de acordo com uma dramaturgia e cenografia especiais, dito de outra forma, os políticos estão a maior parte das vezes a representar, sendo que as suas "deixas" são ensaiadas

---

<sup>18</sup>SWANSON, David L. (1995). "El Campo da Comunicación Política. La Democracia Centrada en los Medios". MUÑOZ-ALONSO, Alejandro, ROSPIR, Juan Ignacio, *Comunicación Política*. Madrid: Editorial Universitas, pág. 20.

<sup>19</sup>CALADO, Vanda (2007). "O Tratamento dos Eventos Partidários na Imprensa Portuguesa: Mediação e Discursos Jornalísticos". FERIN, Isabel (coord.), *Jornalismo e Democracia*. Lisboa: Paulos Editora, pág. 158.

<sup>20</sup>*Ibid.*, pág. 138.

<sup>21</sup>MESQUITA, Mário (2004). *O Quarto Equívoco - O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra, pág. 91.

várias vezes para que não haja falhas. A assiduidade aos ensaios faz com que os políticos aprendam “a falar sem hesitações perante um microfone, a aparecer na televisão sem fazer má figura (...) a dizer a palavra certa no momento certo para chamar a atenção dos media”<sup>22</sup>.

O marketing político está de tal forma relacionado com a comunicação política que é a ele que se devem as mudanças no comportamento dos políticos e nas suas relações com os *media*. Rémy Rieffel diz que estas mudanças estão materializadas na personalização das intervenções do político, na teatralização do seu comportamento e no recurso a uma nova retórica; atribuída aos técnicos da palavra que tornam obsoleta a inspiração nos oradores das humanidades clássicas, passando a usar termos simples para serem compreendidos pela maioria, neste caso concreto, pelos telespectadores, correspondendo à necessidade dos jornalistas. Portanto, a comunicação política não se pode cingir apenas às declarações das instituições políticas, deve também estar atenta ao que é dito pelos jornalistas, já que “Os meios de comunicação social desempenham uma função de mediação entre os acontecimentos e o produto final que chega ao público, selecionando e reconstruindo a realidade social”<sup>23</sup>.

A arquitetura do processo de comunicação política está alicerçada, essencialmente, em quatro pilares: o ator ou atores que têm um papel no processo de comunicação política (ex.: os militantes ou o secretário geral de um partido), o agente ou agentes responsáveis pela mediação no processo de comunicação política (em reportagem no

---

<sup>22</sup>RIEFFEL, Rémy (2003). *Sociologia dos Media*. Porto: Porto Editora, pág. 15.

<sup>23</sup>CALADO, Vanda (2007). “O Tratamento dos Eventos Partidários na Imprensa Portuguesa: Mediação e Discursos Jornalísticos”. FERIN, Isabel (coord.), *Jornalismo e Democracia*. Lisboa: Paulos Editora, pág. 138.

exterior: o repórter de imagem e o jornalista), o lugar a partir do qual se faz a mediação e a presença ou ausência de público ou de qualquer tipo de assistência<sup>24</sup>. Para além destes pilares, a comunicação política vive, também, de alguns elementos que compõem a enunciação, tais como: as palavras, a entoação, os gestos dos oradores e; num contexto jornalístico, dos "elementos da linguagem fotográfica ou cinematográfica (enquadramento, ângulo, movimentos de câmara) que regulam a presença destes, no contexto visual a que pertencem"<sup>25</sup>.

Ao nível dos dispositivos da comunicação política, podemos ainda falar daqueles que são organizados pelas instituições políticas (ex.: debates parlamentares, comícios, conselhos nacionais, etc.) e daqueles que são organizados pelos *media* (ex.: debate televisivo ou telejornal)<sup>26</sup>. Quanto aos dispositivos organizados pelas instituições políticas, podemos ainda dividi-los em dois géneros, os que são feitos exclusivamente para cobertura mediática (ex.: conferências de imprensa) e os que têm existência própria, independentemente da presença dos *media* (ex.: conselhos nacionais, debates parlamentares).

Os mecanismos da comunicação política pré-existem ao advento dos *media*, eles estão inseridos nas tradições de ritualização da política, de que são exemplo as manifestações de rua ou as cerimónias de tomada de posse dos membros do Governo. A evolução dos *media* fez com que tivessem que haver mudanças, nomeadamente, ao nível da publicidade e do marketing, consubstanciadas nos debates televisivos e nas conferências de imprensa que, agora, o Governo tornou diárias. Assim sendo, "O marketing político

---

<sup>24</sup>Cf. MESQUITA, Mário (2004). *O Quarto Equívoco - O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra, pág. 94.

<sup>25</sup>*Ibid.*

<sup>26</sup>Cf. *Ibid.*

poderia definir-se como uma verdadeira «política de comunicação política», um planeamento global do desenho, racionalização e, finalmente, realização da comunicação política”<sup>27</sup>.

### **Personalização e Comunicação no Conselho Nacional do CDS-PP**

Swanson diz que as técnicas mais usadas para fazer das notícias um produto de interesse para o público são aquelas que visam dar ênfase aos dramas e aos conflitos, colocar o foco em acontecimentos concretos e não em ideias abstratas, personalizar as notícias apresentando pessoas concretas em representação de instituições, ideias ou outras matérias inalcançáveis à vista desarmada e, por último, reduzir os assuntos complexos a simples histórias com moral<sup>28</sup>. As notícias que iremos analisar colocam o foco em acontecimentos concretos (a remodelação do Governo e a ausência de Paulo Portas na cerimónia de tomada de posse dos novos ministros) e apresentam pessoas concretas em representação de um partido, ou seja, recorrem à personalização; não só para humanizar, neste caso, o evento partidário dos centristas, como também, para obter informações sobre o que se diz dentro de portas.

No dia 14 de abril de 2013 realizou-se, no Hotel Marriott em Lisboa, o Conselho Nacional do CDS-PP e, como tal, a SIC e os restantes *media* estiveram no local para se tornarem “num participante em pleno do acontecimento, um

---

<sup>27</sup>MAAREK, Philippe J. (2009). *Marketing Político y Comunicación - Claves para una buena información política*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, pág. 75.

<sup>28</sup>Cf. SWANSON, David L. (1995). “El Campo da Comunicación Política. La Democracia Centrada en los Medios”. MUÑOZ-ALONSO, Alejandro, ROSPIR, Juan Ignacio, *Comunicación Política*. Madrid: Editorial Universitas, pág. 14.



historiador autorizado na elaboração do registo do acontecimento e no controlo sobre o significado do mesmo”<sup>29</sup>. Para a comunicação social o conselho nacional significava a resposta do CDS-PP à remodelação no Governo e a justificação da ausência de Paulo Portas na cerimónia de tomada de posse dos novos membros do executivo de Pedro Passos Coelho.

O Governo procedeu a uma remodelação, depois da demissão de Miguel Relvas do cargo de Ministro Adjunto. Às 12:00h de 13 de abril de 2013, Miguel Poiares Maduro e Luís Marques Guedes tomaram posse, no Palácio de Belém, como Ministro Adjunto e do Desenvolvimento Regional e Ministro da Presidência e dos Assuntos Parlamentares, respetivamente. A SIC fez uma peça sobre a cerimónia de tomada de posse para o *Primeiro Jornal*, com a duração de 2:10m<sup>30</sup>. A peça passou na primeira parte do telejornal, às 13:13h, e teve como título *Tomada de Posse em Belém*. Os sete oráculos que compuseram a peça (quadro 2) contextualizaram-na com aspetos referenciais, nomeadamente, os anteriores cargos ocupados pelos novos ministros e as pastas que iam dirigir a partir de agora. Ressalvo um dos oráculos, o qual faz menção à presença de Miguel Relvas (ministro demissionário) na cerimónia e que, somando aos cinco planos de imagem que mostram os ministros que fazem parte do Governo, dá relevo à ausência de Paulo Portas. Apesar da evidência do facto, o texto da peça não se refere à ausência de Paulo Portas na cerimónia. Assim sendo, julgo que estamos perante “o

---

<sup>29</sup>DAYAN & KATZ *apud* CALADO, Vanda (2007). “O Tratamento dos Eventos Partidários na Imprensa Portuguesa: Mediação e Discursos Jornalísticos”. FERIN, Isabel (coord.), *Jornalismo e Democracia*. Lisboa: Paulus Editora, pág. 142.

<sup>30</sup>Anexo 5 (CD).

Peça Tomada de Posse				
Duração	Bloco Informativo	Posicionamento no Alinhamento	Transcrição dos Oráculos	Planos de Imagem
2:10m	Primeiro Jornal (SIC) de 13 de abril de 2013	Primeira Parte (Passou às 13:13h)	<p>1 – <i>Tomada de Posse em Belém</i> Marques Guedes e Poiares Maduro tomam posse perante o Presidente da República</p> <p>2 – <i>Tomada de Posse em Belém</i> Marques Guedes tem presidência do Conselho de Ministros e Assuntos Parlamentares</p> <p>3 - <i>Tomada de Posse em Belém</i> Luís Marques Guedes foi Secretário de Estado do Governo de Cavaco Silva</p> <p>4 - <i>Tomada de Posse em Belém</i> Miguel Poiares Maduro é professor universitário de Direito</p> <p>5 - <i>Tomada de Posse em Belém</i> Ex-ministro Miguel Relvas assistiu à cerimónia em Belém</p> <p>6 - <i>Tomada de Posse em Belém</i> Teresa Morais foi reconduzida como Secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares</p> <p>7 - <i>Tomada de Posse em Belém</i> Novos membros do Governo não quiseram fazer declarações no final da cerimónia</p>	<p>1 – Chegada de Assunção Cristas (Ministra da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território)</p> <p>2 – Chegada de Pedro Passos Coelho (Primeiro Ministro)</p> <p>3 – Geral da sala da cerimónia</p> <p>4 – Novos membros do Governo</p> <p>5 – Apertado de Poiares Maduro e Marques Guedes (novos ministros)</p> <p>6 – Secretário da Cerimónia, Cavaco Silva (Presidente da República), Passos Coelho e sobre o juramento de Marques Guedes</p> <p>7 – Álvaro Santos Pereira (Ministro da Economia e do Emprego), Paula Teixeira da Cruz (Ministra da Justiça) e José Pedro Aguiar Branco (Ministro da Defesa Nacional)</p> <p>8 – Secretário da Cerimónia</p> <p>9 – Assunção Cristas, Santos Pereira, Paula Teixeira da Cruz e Aguiar Branco</p> <p>10 – Juramento de Poiares Maduro</p> <p>11 – Assinatura da Ata por Cavaco Silva</p> <p>12 – Novos membros do Governo</p> <p>13 – Ministros e, em primeiro plano, Miguel Relvas</p> <p>14 – Novos membros do Governo, Álvaro Santos Pereira e José Pedro Aguiar Branco que estão à conversa</p> <p>15 – Teresa Morais (Secretaria de Estado do gabinete de Miguel Relvas que foi reconduzida)</p> <p>16 – Emídio Guerreiro (Secretário de Estado do Desporto e da Juventude)</p> <p>17 – Cumprimentos dos Ministros aos novos membros do Governo</p> <p>18 – Apertado dos cumprimentos aos ministros empossados</p>

*Quadro 2 – Peça Tomada de Posse*

efeito de agenda, empírico” que “ não é «controlável»”<sup>31</sup> pelos profissionais da comunicação política.

A ausência de Paulo Portas dominou a atualidade política ao longo dos dias 13 e 14 de abril. No dia 13 de abril realizou-se o Conselho Nacional do PSD e a SIC foi ouvir Pedro Passos Coelho, nomeadamente, sobre a falta do

<sup>31</sup>MAAREK, Philippe J. (2009). *Marketing Político y Comunicación – Claves para una buena información política*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, pág. 217.

Ministro dos Negócios Estrangeiros (Paulo Portas) à cerimónia de tomada de posse dos novos ministros. A entrevista ao Primeiro Ministro resultou num TH (*talking head*), ou seja, num bloco de imagens com as respostas de Passos Coelho, com 0:27m e que passou na *Edição das 11* da SIC Notícias de 14 de abril de 2013, às 11:15h<sup>32</sup>. O TH (*talking head*) teve apenas um oráculo (quadro 3), cujo título era *Tomada de Posse de Novos Ministros*. A frase do oráculo fazia apenas referência à recusa de Pedro Passos Coelho em tecer comentários sobre a ausência de Paulo Portas na cerimónia de Estado. O Primeiro Ministro disse apenas que foi informado de que Paulo Portas estava muito longe de Lisboa e que, por isso, não podia estar na tomada de posse dos novos ministros. A câmara de filmar deu um plano de ombros de Passos Coelho, o que tornou visível uma ligeira discincronia do discurso verbal em relação ao não-verbal.

TH Passos Coelho					
Duração	Bloco Informativo	Posicionamento no Alinhamento	Transcrição dos Oráculos	Planos de Imagem	Transcrição da Declaração
0:27m	Edição das 11 (SIC Notícias) de 14 de abril de 2013	Início do Bloco Informativo (Passou às 11:15h)	I – <i>Tomada de Posse de Novos Ministros</i> Passos Coelho recusou fazer interpretações da ausência de Paulo Portas na cerimónia	Ombros de Passos Coelho	“Foi-me transmitido que o Sr. Dr. Paulo Portas se encontrava demasiado longe de Lisboa, àquela hora, e que não conseguiria estar na posse. Não quero fazer nenhuma interpretação; qualquer interpretação só pode ser feita por ele. (Pergunta de José Manuel Mestre – Jornalista SIC: Gostaria que tivesse estado?) Todos os membros do Governo, quando se empoçam ministros, desde que estejam cá e que tenham essa possibilidade devem estar presentes. Não foi o caso de todos, como sabem. O Sr. Ministro da Administração Interna, por exemplo, também estava no estrangeiro e não pode assistir à posse.”

Quadro 3 – TH Passos Coelho

Quando o Primeiro Ministro fala na justificação da ausência de Portas na tomada de posse, Passos Coelho

<sup>32</sup>Anexo 6 (CD).

acenou com a cabeça dizendo que não e repetiu o gesto quando disse que não queria fazer interpretações sobre o sucedido. Pelo contrário, quando o jornalista José Manuel Mestre pergunta se Pedro Passos Coelho gostava que Paulo Portas tivesse estado na cerimónia de empossamento dos novos ministros, Passos Coelho acena com a cabeça dizendo que sim, mas fala sobre o dever de todos os membros do Governo em estar presente neste cerimonial. No fim das declarações, o Primeiro Ministro diz que também o Ministro da Administração Interna, Miguel Macedo, faltou ao evento, esboçando um pequeno sorriso.

Do ponto de vista da análise, "A comunicação política valoriza particularmente o não-verbal, quer na sua dimensão visual (a presença, o gesto), quer na dimensão sonora (a entoação ou o ritmo de voz). Mesmo em lugares, em princípio reservados à argumentação (...) as dimensões não-verbais assumem papel relevante, se não decisivo, quase dispensando a mediação da palavra"<sup>33</sup>. Nesta linha pode dizer-se, inclusivamente, que "a gestualidade dos políticos pode reforçar, mas também contradizer, o discurso que pronunciam na televisão. O conjunto dos seus elementos pode estar em jogo, desde o olhar que faz para onde se dirige, até aos gestos da mão..."<sup>34</sup>. Não obstante, "A comunicação não verbal (...) tem por objetivo um discurso muito mais impreciso, cuja descodificação, portanto, é muito mais aleatória (...) a descodificação dos elementos inconscientes da comunicação não verbal deriva diretamente de cada uma das interpretações individuais que fazem os

---

<sup>33</sup>MESQUITA, Mário (2004). *O Quarto Equívoco - O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra, pág. 98.

<sup>34</sup>MAAREK, Philippe J. (2009). *Marketing Político y Comunicación - Claves para una buena información política*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, pág. 220.

telespectadores”<sup>35</sup>.

Às 11:30h do dia 14 de abril, as figuras importantes do CDS-PP já estavam reunidas no Conselho Nacional. Para os jornalistas presentes no local as perguntas de base eram: O que é que o CDS tem a dizer sobre a remodelação do Governo? Qual foi o motivo da ausência de Paulo Portas na cerimónia da tomada de posse? O dia foi longo e as respostas a estas perguntas tardavam em chegar.

Neste tipo de eventos, que ocorrem à porta fechada, “O alimento espiritual para a imprensa (...) é, efetivamente, fornecido cada vez mais pela correspondência partidária editada pelo partido”<sup>36</sup> e distribuída pelos assessores de comunicação, de que Pedro Salgueiro é exemplo no CDS. Ao longo do dia fomos recorrendo ao assessor de comunicação do partido centrista para saber como estavam os ânimos dentro do conselho nacional, quem já tinha falado, o que já tinha sido dito e a que horas era a pausa, o recomeço e o fim do programa de trabalho destinado para o evento. De acordo com Vasco Ribeiro, assessor de imprensa, “A assessoria de imprensa trabalha em cima das brechas do jornalismo”<sup>37</sup>, no entanto, Vasco adverte para o facto de a fonte ser sempre interesseira e de que não há fontes altruístas<sup>38</sup>. Recordo que Pedro Salgueiro (assessor de comunicação do CDS-PP) dizia abertamente quem já tinha falado no conselho nacional, mas quando se lhe perguntava o que tinha sido dito ele não falava conclusivamente e desviava a resposta para temas de conteúdo superficial, face ao objetivo das perguntas feitas pelos jornalistas.

---

<sup>35</sup>MAAREK, Philippe J. (2009). *Marketing Político y Comunicación - Claves para una buena información política*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, pág. 222.

<sup>36</sup>WEBER, Max (2000). *A Política como Profissão*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, Lda, págs. 56 e 57.

<sup>37</sup>BRITES, Maria José (2013). “A assessoria de imprensa trabalha em cima das brechas do jornalismo” in *Revista Jornalismo & Jornalistas*, nº53. Lisboa: Clube de Jornalistas, pág. 30.

<sup>38</sup>Cf. *Ibid.*, pág. 35.

Pedro Salgueiro era, também, a pessoa a quem os jornalistas recorriam para pedir que alguém viesse falar com eles, sobre o que estava a ser discutido no Conselho Nacional do CDS-PP e para responder às perguntas que a atualidade impunha.

O primeiro a falar foi Pires de Lima, o Presidente da Mesa do Conselho Nacional do CDS-PP. Não temos registo do TH (*talking head*) com as declarações prestadas por ele, mas pode dizer-se que a sua intervenção se cingiu a fazer um comentário sobre a remodelação no Governo. O dirigente do CDS considerou que a mudança no executivo de Passos Coelho era apenas o primeiro ato, porque esperava que a remodelação não ficasse por ali. Porém, Pires de Lima afirmou que a escolha de Poiares Maduro e Marques Guedes foi acertada, devido aos currículos que têm. Mais tarde, Nuno Magalhães (Presidente do Grupo Parlamentar do CDS) fala aos jornalistas sobre a ausência de Paulo Portas na tomada de posse. As declarações do líder parlamentar dos centristas passaram na *Edição das 17* da SIC Notícias, às 17:04h, num TH (*talking head*) de 0:48m<sup>39</sup> e que tem dois oráculos, cujo título é *Conselho Nacional do CDS-PP* (quadro 4). Uma das frases dos oráculos faz referência à resposta de Nuno Magalhães sobre o motivo pelo qual Portas faltou à cerimónia do Estado - "por razões atendíveis" - e a outra menciona as datas em que se realiza o congresso do partido - "6 e 7 de julho".

Analisando o discurso verbal e não verbal podemos dizer que estiveram, a maior parte das vezes, em sintonia. No momento em que Nuno Magalhães fala sobre as declarações de Pedro Passos Coelho, acerca da ausência de Paulo Portas na tomada de posse, faz um gesto de indiferença com a boca; depois quando lhe perguntam se não acha estranho que

---

<sup>39</sup>Anexo 7 (CD).

TH Nuno Magalhães					
Duração	Bloco Informativo	Posicionamento no Alinhamento	Transcrição dos Oráculos	Planos de Imagem	Transcrição da Declaração
0:48m	Edição das 17 (SIC Notícias) de 14/04/2013	Início do Bloco Informativo (Passou às 17:04h)	<p>1 – <i>Conselho Nacional do CDS-PP</i> CDS diz que ausência de Paulo Portas na tomada de posse tem “razões atendíveis”</p> <p>2 - <i>Conselho Nacional do CDS-PP</i> Direção do Partido propõe congresso no fim de semana de 6 a 7 de julho</p>	Ombros de Nuno Magalhães	<p>“Sobre essa matéria não vi nenhuma afirmações que considere críticas da parte do Sr. Primeiro Ministro. O que lhe posso dizer é que certamente terá sido uma razão atendível. (Pergunta de Carla Rodrigues - Jornalista SIC: Não é estranho o Ministro dos Negócios Estrangeiros não estar presente na tomada de posse?) Não estava, também, o Ministro de Estado e das Finanças, não estava o Ministro da Administração Interna. Estavam os ministros do CDS, estava, nomeadamente, o presidente do grupo parlamentar com quem estão a falar. (Pergunta da TVI) Eu acho que o país tem tantos problemas, sabe?, que estas leituras políticas são o menos perante os problemas que os portugueses atravessam. (Pergunta de Carla Rodrigues – Jornalista SIC: Volto a insistir outra vez. Remodelação. Ficou à quem das expectativas do CDS?) Sobre essa matéria já disse o que tinha a dizer, na minha perspetiva. Portanto, vamos ouvir os conselheiros e à tarde tomamos posição enquanto CDS. A minha perspetiva disse ontem. (Pergunta da Rádio: Razões atendíveis é o quê? Razões atendíveis para não estar presente numa cerimónia de Estado?) É aquilo que uma pessoa de bom senso poderá dizer em relação a essa matéria. Portanto, é aquilo que lhe estou a dizer, certamente terão sido razões atendíveis.”</p>

Quadro 4 – TH Nuno Magalhães

Portas não tenha estado na cerimónia, o dirigente centrista acena com a cabeça dizendo que não e refere-se, inclusivamente, a outros nomes que não compareceram no evento, no entanto, no momento em que fala da presença dos ministros do CDS, Nuno Magalhães acena com a cabeça dizendo que sim e esboça um ligeiro sorriso quando se refere à sua presença no cerimonial. O líder parlamentar dos centristas volta a fazer um gesto de indiferença com a boca quando é questionado, de novo, sobre Paulo Portas e diz mesmo que esse é um assunto menor face aos problemas que os portugueses atravessam. Nuno Magalhães acena com a cabeça dizendo que não quando lhe perguntam se a

remodelação esteve à quem das expectativas do CDS, parafraseando Carla Rodrigues (jornalista da SIC), mas depois acena com a cabeça dizendo que sim quando diz que já tinha falado sobre isso. Depois o dirigente centrista vai sorrindo e acenando com a cabeça dizendo que sim quando se refere à necessidade de ouvir os conselheiros, para que o CDS possa formar opinião, sobre a remodelação no Governo, enquanto partido. Por fim, quando perguntam a Nuno Magalhães o que são "razões atendíveis" para faltar à cerimónia de Estado, o centrista acena, de forma assertiva e por várias vezes, com a cabeça dizendo que não (deixando no ar a ideia de que não sabia o que eram ou de que não queria responder); no entanto, quando termina a sua declaração, Nuno Magalhães volta a falar nas "razões atendíveis" como justificação para a ausência de Paulo Portas na tomada de posse, ao mesmo tempo que acena, assertivamente e por várias vezes, com a cabeça dizendo que sim.

Neste caso concreto, penso que o discurso verbal e não verbal não se comprometeram sobremaneira, no entanto, há que dizer que "A eficácia da mensagem, segundo cálculos tecnicistas do «marketing», poderá depender mais da expressão do rosto e do timbre de voz do que do conteúdo do discurso"<sup>40</sup>.

Ao longo da tarde do dia 14 de abril, dia em que a SIC e os restantes *media* dedicaram especial atenção ao Conselho Nacional do CDS, os diretos que foram sendo feitos viveram das declarações de Pires de Lima e de Nuno Magalhães, que iam sendo lançadas pelos jornalistas que estavam em direto, no caso da SIC, pela Carla Rodrigues. Para além das declarações dos dirigentes do CDS, as informações que Pedro Salgueiro (assessor de comunicação

---

<sup>40</sup>MESQUITA, Mário (2004). *O Quarto Equívoco - O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra, pág. 98.



do CDS) dava, por mais pequenas e repetidas que fossem, serviam para estruturar o que se ia dizer nos diretos. Por razões técnicas não é possível anexar os diretos que foram feitos, mas, em regra, era feito um a cada hora, por causa da SIC Notícias (canal informativo que dá notícias 24h por dia). Como disse anteriormente, na grande parte dos diretos não havia muito para dizer para além do que já havia sido dito, o que reforça a ideia de que "Nos cenários do direto fornecem-nos, em vez de notícias, «informação permanente sem interpretação e interpretação permanente sem informação»"<sup>41</sup>. Impunha-se, portanto, que o jornalista dissesse o mesmo por outras palavras, obedecendo ao critério da atualidade e da instantaneidade que faz com que o direto seja "...«o direto da atualidade, não o da informação»"<sup>42</sup>.

Durante todo o dia a agenda empírica, ditada pela ausência de Paulo Portas na cerimónia da tomada de posse, animou a procura de uma declaração do secretário geral do CDS-PP e Ministro dos Negócios Estrangeiros, mas Portas não quis prestar declarações até ao fim do dia. À chegada o líder dos centristas não foi visto e na pausa para o almoço passou pelas câmaras afirmando que não prestava declarações.

O partido e, nomeadamente, o assessor de comunicação do CDS, foi tentando combater o desejo dos jornalistas em obter uma resposta de Paulo Portas, escolhendo outras figuras do partido centrista, ou seja, escolhendo "companheiros de equipa disciplinados, que não desempenhem os seus papéis desajeitada, atabalhoada ou constrangidamente"; não sabemos se aconteceu neste caso, concretamente, mas em regra "Esta estratégia será aplicada

---

<sup>41</sup>DEBRAY, Régis *apud* MESQUITA, Mário (2004). *O Quarto Equívoco - O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra, pág. 96.

<sup>42</sup>VERÓN, Eliseo *apud* *Ibid.*, pág. 103.

mediante o estabelecimento de uma programação completa antes do desempenho, fixando quem fará o quê e a ordem de apresentação”<sup>43</sup>.

No final do dia, Pedro Salgueiro (assessor de comunicação do CDS) avisou a SIC e os outros *media* de que João Almeida (porta-voz do CDS) ia prestar declarações à comunicação social na sala de imprensa (que ficava longe da porta de saída do conselho nacional, local onde os jornalistas e repórteres de imagem se mantiveram ao longo de todo o dia). Neste momento instalou-se um dilema nos “bastidores” da ação jornalística. Quem ia para a sala de imprensa e quem ficava à porta do conselho nacional para “apanhar” Paulo Portas? Só a RTP tinha dois repórteres de imagem e um deles foi de imediato para a sala de imprensa, mas Isabel Damásio (jornalista da RTP) comprometeu-se com os colegas dos restantes canais de televisão a ceder as imagens que captassem da declaração de João Almeida. Todos os jornalistas, incluindo Isabel Damásio, acordaram aguardar Paulo Portas à saída do conselho nacional, exceto os jornalistas da rádio que se dirigiram logo para a sala de imprensa. Entretanto, a estrutura do partido, nomeadamente, o assessor de comunicação do CDS, apercebeu-se da presença dos jornalistas na porta do conselho nacional e providenciou um jogo de despiste com o motorista de Portas. O carro saiu do parque de estacionamento e ficou na porta das traseiras do hotel (onde decorreu o encontro dos centristas), pouco tempo depois o motorista “puxava-o” para frente, dando a sensação de que Paulo Portas não iria sair por aquela porta. Os jornalistas estavam de vigia, até que o secretário geral do CDS surge e é encurralado pelos

---

<sup>43</sup>GOFFMAN, Erving (1993). *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Lisboa: Relógio D'Água, pág. 267.

jornalistas, não deixando dúvidas de que “os políticos estão cada vez mais sujeitos à pressão exercida pelos acontecimentos e pelos *media*”<sup>44</sup>.

Paulo Portas foi questionado por todos os órgãos de comunicação social presentes, mas foi à pergunta de Carla Rodrigues que o Ministro dos Negócios Estrangeiros parou para responder. A declaração de Portas resultou num TH (*talking head*) com 0:38m que passou no *Jornal das 9* da SIC Notícias, às 21:00h, ou seja, foi a abertura do boletim noticioso<sup>45</sup>. Para este TH (*talking head*) foram feitos dois oráculos (quadro 5) com títulos distintos - *Mal estar entre PSD e CDS* e *Paulo Portas*. Quanto às frases dos dois oráculos podemos dizer que a primeira constitui a “resposta” à pergunta da Carla Rodrigues e a segunda é, do meu ponto de vista, uma argumentação de defesa - “Sou por educação consciente dos meus deveres e sentido de missão”.

TH Paulo Portas					
Duração	Bloco Informativo	Posicionamento no Alinhamento	Transcrição dos Oráculos	Planos de Imagem	Transcrição da Declaração
0:38m	Jornal das 9 (SIC Notícias) De 14/04/2013	Abertura do Bloco Informativo (Passou às 21:00h)	<p>1 – <i>Mal estar entre PSD e CDS</i> Paulo Portas diz que teve razão fundamentada para faltar à tomada de posse dos ministros</p> <p>2 – <i>Paulo Portas</i> “Sou por educação consciente dos meus deveres e sentido de missão”</p>	Inicialmente plano de ombros de Paulo Portas e depois acompanha o secretário geral do CDS até ao carro	<p>“A única coisa que eu vos vou dizer é sobre esse... assunto... da posse. Eu sou, por educação, consciente dos meus deveres e do sentido de missão. Havia uma razão fundamentada que explica que eu não estivesse na cerimónia e o Primeiro Ministro conhece essa razão e isso é mais do que suficiente e necessário. Boas! (...) Cuidado não caiam! (...) Eu se fosse a vocês ouvia o portavoz do partido. (...) Boa noite.”</p>

Quadro 5 – TH Paulo Portas

<sup>44</sup>RIEFFEL, Rémy (2003). *Sociologia dos Media*. Porto: Porto Editora, pág. 19.

<sup>45</sup>Anexo 8 (CD).

Paulo Portas foi parco nas palavras, mas confirma a tese de que "os políticos são levados a esforçar-se por apresentar explicações, chamados a comparecer perante os *media* para prestarem contas"<sup>46</sup>.

No que se refere à análise, podemos dizer que Portas teve um discurso não verbal mais extenso que o verbal, ou seja, quando o secretário geral do CDS foi encurralado, ele continuou a andar enquanto se negava a responder às questões que lhe faziam e até no momento em que aceita responder à pergunta de Carla Rodrigues - quando diz "A única coisa que eu vos vou dizer é sobre esse.. assunto.. da posse". Contudo, quando começa a responder à pergunta da jornalista da SIC - "Porque é que faltou à tomada de posse?" - o líder dos centristas para por breves momentos. Quando Paulo Portas termina a sua declaração continua a andar. Entretanto, o tripé de uma das câmaras cai sobre uma mesa, fazendo um barulho que é audível no TH (*talking head*), e que faz com que Portas olhe para trás para dizer "Cuidado, não caiam.". O centrista continua a sua marcha e os jornalistas vão atrás dele para fazer mais perguntas - cumprindo a máxima de que pode não haver respostas, mas há sempre perguntas - contudo ele apenas para, por instantes, para lhes dizer "Eu se fosse a vocês ouvia o porta-voz do partido". Depois disso diz boa noite aos jornalistas e prepara-se para entrar no carro.

Parece-me claro que houve uma encenação arquitetada com base nas estratégias de comunicação institucional, que são "fabricadas com vista a permitir que determinadas mensagens possam emergir desse constante ruído de fundo, recorrendo às técnicas apelativas do slogan publicitário, do título de imprensa ou da «declaração» assassina do

---

<sup>46</sup>RIEFFEL, Rémy (2003). *Sociologia dos Media*. Porto: Porto Editora, pág. 28.

dirigente político”<sup>47</sup>. Ainda no campo da encenação, pode dizer-se que Paulo Portas constitui a figura de “Um ator disciplinado, em termos dramaturgicos, é o que se lembra do seu papel e não incorre em gestos involuntários ou passos em falso ao desempenhá-lo. É discreto, não compromete a exibição revelando por descuido os seus segredos.”, no entanto, “quando a perturbação do desempenho já não é evitável ou ocultável, o ator disciplinado está preparado para apresentar uma razão plausível para o acontecimento desestabilizador, ou para dizer um gracejo que lhe retire toda a importância”<sup>48</sup>. Com base no que acabámos de enunciar, penso que podemos, de facto, dizer que Portas é um ator disciplinado, que não comprometeu a sua exibição revelando a razão pela qual não esteve na tomada de posse, mas ao perceber que o seu desempenho está à beira de uma perturbação ou que já incorria nela, continua a andar voltando-se para trás para dizer um gracejo aos jornalistas, de que é exemplo o “Cuidado, não caiam.”.

A forma de falar e de agir é característica de Paulo Portas, dada a notoriedade que a sua imagem já tem. Ela é o resultado da construção levada a cabo, neste momento, por Pedro Salgueiro. O projeto desta construção assenta no “...compromisso mais ou menos acertado entre a personalidade real do seu «cliente» e as características que o público espera subjetivamente de um político”<sup>49</sup>.

De facto, Mário Mesquita tem razão quando diz que a política é um espetáculo, uma encenação e uma dramatização, mas para que ela tenha sucesso é preciso que

---

<sup>47</sup>MESQUITA, Mário (2004). *O Quarto Equívoco - O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra, pág. 98.

<sup>48</sup>GOFFMAN, Erving (1993). *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Lisboa: Relógio D'Água, pág. 254.

<sup>49</sup>MAAREK, Philippe J. (2009). *Marketing Político y Comunicación - Claves para una buena información política*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, pág. 104.

haja muito tempo de ensaio. Tudo é orquestrado à minúcia e, como tal, é legítimo duvidar da espontaneidade daquilo que ouvimos e vemos, uma vez que na maioria dos manuais sobre comunicação política nos chamam à atenção para a mecanização comportamental dos políticos. No caso concreto da declaração de Paulo Portas, não sei se o devo à minha ingenuidade nestas matérias, começo agora a duvidar da sua espontaneidade, já que há quem diga que todas as frases, na realidade, são "cuidadosamente trabalhadas durante o *media training* destes políticos para dar impressão da naturalidade quando se pronunciam em tempo real"<sup>50</sup>.

Dias depois, na redação da SIC, a Paula Santos, editora de política, soube "*off the record*" (fora de gravação) quais tinham sido as razões atendíveis que levaram Paulo Portas a faltar à cerimónia da tomada de posse. Apenas posso dizer que se prendem com questões familiares, já que não tenho autorização para anunciar concretamente o motivo, uma vez que a SIC não noticiou a informação e que, como disse, foi obtida "*off the record*" (fora de gravação).

Depois de captada a declaração possível de Paulo Portas, por volta das 19:30h, os jornalistas dirigiram-se à sala de imprensa, onde estava João Almeida (porta-voz do CDS), que ainda não tinha feito qualquer declaração porque aguardava os órgãos de comunicação que tinham esperado por Paulo Portas. As declarações de João Almeida ficaram registadas num TH (*talking head*) de 0:45m, que passou na *Edição das 17* da SIC Notícias do dia 15 de abril de 2013, às 17:04h, sendo quase abertura do boletim informativo (quadro 6)<sup>51</sup>.

Nesta altura, havia pouco a acrescentar ao significado

---

<sup>50</sup>MAAREK, Philippe J. (2009). *Marketing Político y Comunicación - Claves para una buena información política*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, pág. 234.

<sup>51</sup>Anexo 9 (CD).

TH João Almeida					
Duração	Bloco Informativo	Posicionamento no Alinhamento	Transcrição dos Oráculos	Planos de Imagem	Transcrição da Declaração
0:45m	Video SIC Online* de 14/04/2013			Ombros de João Almeida	“O CDS considera que não contribui em nada para o processo de elaboração de um programa de reforma do Estado haver medidas avulso, discutidas na praça pública e, portanto, não contribuirá para fugas de informação sobre aquele que é um processo de debate difícil e de ponderação de propostas que venham a ser apresentadas nos órgãos próprios e não faz sentido que estejamos a antecipá-las. (...) Acho que é necessário disponibilidade real de ambas as partes e, portanto, o discurso é apenas uma consequência da existência ou não dessa disponibilidade real para negociar. Acho que o Governo não pode prescindir dela e acho, também, que o Partido Socialista não pode ver nenhum interesse numa radicalização que não leva o país a nenhuma consequência positiva.
*Os vídeos da SIC Online não têm oráculos nem têm identificação do telejornal em que passou e a que hora.					

*Quadro 6 – TH João Almeida*

atribuído pelos jornalistas ao Conselho Nacional do CDS-PP, no entanto, a declaração de João Almeida, que primeiramente tinha sido pensada, para aquela hora e local, para despistar os jornalistas da saída de Paulo Portas, passou a ser uma simples declaração que mostra qual é a perspectiva do CDS face à reforma do Estado e à discussão das medidas que a concretizem e que, na ótica dos centristas, o partido socialista tem radicalizado.

Nem sempre o trabalho que o jornalista faz no dia de determinado evento se encerra nos noticiários e diretos do mesmo dia. Há casos em que se justifica que um TH (*talking head*) ou uma peça passe no dia seguinte. Para além do TH (*talking head*) de João Almeida, por exemplo, referente ao dia 14 de abril de 2013 e que passou no dia seguinte, também a peça de Carla Rodrigues sobre o Conselho Nacional do CDS-PP passou a 15 de abril de 2013. A peça fez parte do alinhamento do *Jornal da Noite* da SIC, entrou às 20:05h, sendo quase abertura do telejornal<sup>52</sup>. Ao longo dos 2:07m da peça não se faz referência ao conselho nacional, senão no pivô, para que se contextualizem as declarações de Pires de Lima e de Paulo Portas. Nos nove oráculos da

<sup>52</sup>Anexo 10 (CD).

peça também não se fez menção ao conselho nacional (quadro 7), inclusivamente, a maioria tem como título - *António Pires de Lima*. Como tal, pode concluir-se que existe uma personalização da opinião do CDS, nomeadamente no que respeita à remodelação do Governo, e do conselho nacional. Esta ideia é reforçada pelo número de vivos de Pires de Lima na peça - Paulo Portas tem um e António Pires de Lima tem três. No que se refere às imagens captadas e

Peça Conselho Nacional do CDS-PP					
Duração	Bloco Informativo	Posicionamento no Alinhamento	Transcrição dos Oráculos	Planos de Imagem	Número de Vivos
2:07m	Jornal da Noite (SIC) de 15 de abril de 2013	Primeira Parte (Passou às 20:05h)	<p>1 – <i>Remodelação mais Profunda</i> Pires de Lima diz que é preciso ir mais longe</p> <p>2 – <i>António Pires de Lima</i> “Se a substituição de 1 ministro por 2 ministros for o 1º ato, diria que é um bom 1º ato”</p> <p>3 – <i>António Pires de Lima</i> “Se é o ato final de uma remodelação, direi que é uma oportunidade perdida”</p> <p>4 – <i>Mudanças na Economia</i> Pires de Lima quer alteração no Ministério</p> <p>5 – <i>António Pires de Lima</i> “Só se fará se elevarmos o Ministério da Economia à categoria de Ministério do Estado”</p> <p>6 – <i>António Pires de Lima</i> “Tenho esperança que o sr. primeiro-ministro ainda venha a completar este processo”</p> <p>7 – <i>Remodelação mais profunda</i> Pires de Lima diz que substituição de Relvas é pouco</p> <p>8 – <i>António Pires de Lima</i> “Governo sai bastante melhor depois desta substituição do dr. Miguel Relvas”</p> <p>9 – <i>Ausência na Posse</i> Portas diz que se justificou ao primeiro-ministro</p>	<p>1 – Saída de Paulo Portas do Conselho Nacional</p> <p>2 – Portas na mesa de entrada do Conselho Nacional</p> <p>3 – Geral da sala onde decorreu o Conselho Nacional</p> <p>4 – Ombros de Pires de Lima</p> <p>5 – Apertado de Paulo Portas e de outros membros da mesa do Conselho Nacional</p> <p>6 – Geral da mesa do Conselho Nacional</p> <p>7 – Ombros de Pires de Lima</p> <p>8 – Saída dos membros do CDS da sala onde decorria o Conselho Nacional</p> <p>9 – Apertado dos membros do CDS que saem da sala onde decorria o Conselho Nacional</p> <p>10 – Panorâmico iniciado em Miguel Poiars Maduro em conversa com Luís Marques Guedes e terminado com Teresa Morais em conversa com Emídio Guerreiro</p> <p>11 - Ombros de Pires de Lima</p> <p>12 – Panorâmico começado nos militantes do CDS e terminado na mesa do Conselho Nacional</p> <p>13 – Paulo Portas caminhando até à saída/Ombros quando responde à pergunta de Carla Rodrigues (Jornalista SIC)</p>	Paulo P. - 1 Pires L. - 3

*Quadro 7 – Peça Conselho Nacional do CDS-PP*

selecionadas para a montagem desta peça, posso dizer que Paulo Portas aparece cerca de quatro vezes na imagem e



Pires de Lima três, o que pode levar-nos a dizer que, apesar de António Pires de Lima ter mais vivos e de ser título de cinco oráculos, Portas tem mais relevo nesta peça do que Pires de Lima. Contudo, podem contar-se seis planos de imagem que não têm o foco nestas duas personalidades. Por exemplo, um deles, relativo a Miguel Poiares Maduro, Marques Guedes, Teresa Morais e Emídio Guerreiro, é do dia da cerimónia de tomada de posse; os restantes são planos de militantes do CDS e da mesa do conselho nacional, os quais pretendem reportar o telespectador para o dia do evento centrista.

A peça começa com um plano de Portas fugindo da pergunta de Carla Rodrigues, ao não parar para responder e limitando-se a dizer - "Boa tarde! Bom almoço!". Aquilo que se pretende dizer com este plano é que Portas não quis responder a nenhuma pergunta dos jornalistas ao longo de todo o dia. A jornalista da SIC cola esta imagem à mensagem do TH (*talking head*) de Passos Coelho, que atrás analisámos, onde o Primeiro Ministro remete a justificação da ausência na tomada de posse para Paulo Portas. A partir daqui a Carla pega no tema da tomada de posse para, através dos vivos<sup>53</sup> (blocos de imagem com declarações) de Pires Lima, dar a perspetiva do CDS sobre a remodelação no Governo, a qual a jornalista resumiu no título do primeiro oráculo - *Remodelação mais profunda* -, demonstrando também, mais concretamente, a opinião de Pires de Lima. O dirigente centrista não fala de remodelação, fala apenas de uma substituição, já que a considera o "1º ato de uma remodelação a que falta ainda conhecer o final". Carla Rodrigues utiliza mais um vivo (bloco de imagens com

---

<sup>53</sup>Vivos e TH'S são semelhantes no significado mas diferem na sua aplicabilidade. Chama-se vivo ao bloco de imagens com declarações de uma determinada pessoa dentro de uma peça jornalística; e TH a um bloco de imagens com declarações de determinada pessoa que integra o alinhamento de um telejornal.

declarações) de António Pires de Lima, onde ele diz que o "2º ato da remodelação" só se vai concretizar se o Ministério da Economia passar a ser um Ministério de Estado. O presidente da mesa do Conselho Nacional do CDS-PP disse também que "o Governo sai bastante melhor depois desta substituição", declaração que a jornalista da SIC utilizou para dar a perspetiva do partido dos centristas no que se refere à remodelação. Carla Rodrigues liga este assunto com a ausência de Paulo Portas na tomada de posse dos novos ministros dizendo "O CDS queria uma remodelação, saiu uma substituição. Muitos recados ao parceiro da coligação, com Portas sempre em silêncio. O pouco que queria dizer guardou para a saída". A jornalista optou por terminar a peça com a curta e já analisada declaração de Paulo Portas.

Penso que é nítida a personalização do conselho nacional, nesta peça, na figura de Pires de Lima; embora já tenhamos tido a oportunidade de saber que houve, pelo menos, mais duas pessoas, para além de António Pires de Lima, a falar da remodelação e da ausência de Paulo Portas na tomada de posse - João Almeida e Nuno Magalhães. A construção da peça levou a que o foco caísse sobre Pires de Lima, que foi o primeiro e o único, para além de João Almeida, a tecer comentários sobre a remodelação. Para além disso, podemos concluir que a avaliação da remodelação pelo CDS é o tema central do conselho nacional, uma vez que ele ocupa mais de metade do tempo da peça, cerca de 1:16m.

Apesar de não termos um termo de comparação entre o TH (*talking head*) de Pires de Lima e os vivos (blocos de imagem com declarações) escolhidos pela Carla para pôr na peça, devido a questões técnicas, podemos dizer que "As interpretações das intervenções dos políticos pode modificar-se completamente mediante certos procedimentos

de montagem”<sup>54</sup>. No seguimento desta ideia, apenas podemos salientar o facto da jornalista da SIC ter escolhido começar com as imagens de Paulo Portas negando-se a prestar qualquer tipo de declaração, para depois retomar o tema da ausência de Portas no fim da peça.

Conforme o que já vimos no TH (*talking head*) de Paulo Portas, que contém a “resposta” do centrista sobre a sua ausência na tomada de posse, podemos dizer que a Carla optou por omitir os gracejos de Portas, para os jornalistas, na peça. Do meu ponto de vista, a escolha de Carla Rodrigues torna a declaração do Ministro dos Negócios Estrangeiros menos encenada, já que não mostra que Paulo Portas se dirige para o carro e que entretanto se vai virando para trás para dizer alguns gracejos aos jornalistas.

No que concerne a questões técnicas, penso que a jornalista conseguiu cumprir com aquilo que é parte do seu trabalho “traduzir a realidade desordenada em histórias claras com princípio, meio e fim”<sup>55</sup>, o que contribuiu, certamente, para a captação da atenção do telespectador, de acordo com os conhecimentos que adquiri na faculdade e na prática do jornalismo.

O tema que tinha mais impacto, na altura, era a ausência de Paulo Portas na tomada de posse e a Carla joga com esse facto e começa a peça com as imagens do secretário geral do CDS-PP a furtar-se à pergunta que todos faziam - “Paulo Portas, porque é que não esteve presente na tomada de posse?”. É um começo forte porque transmite a mensagem de que Portas não queria responder, pelo menos naquele momento, àquela pergunta. Depois

---

<sup>54</sup>MAAREK, Philippe J. (2009). *Marketing Político y Comunicación - Claves para una buena información política*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, pág. 242.

<sup>55</sup>CURRAN, James e SEATON, Jean (2001). *Imprensa, Rádio e Televisão - Poder Sem Responsabilidade*. Lisboa: Instituto Piaget, pág. 329.

seguem-se os vivos (blocos de imagem com declarações) de Pires de Lima sobre a remodelação, onde me parece que os pontos altos se convertem no momento em que o dirigente centrista diz que a substituição de Miguel Relvas, por Poiares Maduro e Marques Guedes, é o primeiro ato de uma remodelação da qual ainda falta conhecer o fim e quando diz que o Governo está melhor depois desta mudança. Estas são duas afirmações que revelam, claramente, qual é a posição do CDS relativamente à mudança no Governo; ou seja, numa primeira instância a substituição de Miguel Relvas é benéfica para o Governo, mas é preciso fazer mais. O tema do fim da peça é incontornável, uma vez que foi um dos pontos altos do conselho nacional e porque a jornalista da SIC fala no início da ausência de Paulo Portas sem aprofundar. No entanto, creio que o vivo do secretário geral do CDS perdeu a força ao serem omissos os gracejos e paragens de Portas para falar com os jornalistas, de quem fugiu, como sabemos, depois de prestar a sua declaração.

A cobertura do Conselho Nacional do CDS-PP foi, de facto um dos pontos altos da minha aprendizagem. Uma das coisas de que me apercebi foi que o jornalista depende do assessor de comunicação do partido para informar e para ter quem o informe (ex.: um político); assim como o político depende dele para saber como dizer e quando dizer o que os jornalistas procuram. O assessor de comunicação é, ou deve ser, aquele que domina várias "ferramentas de comunicação, como a publicidade, as relações públicas, os eventos, o marketing relacional, atividade na responsabilidade social"<sup>56</sup> para garantir que chega aos públicos-alvo da forma mais eficaz. Vasco Ribeiro,

---

<sup>56</sup>BRITES, Maria José (2013). "A assessoria de imprensa trabalha em cima das brechas do jornalismo" in *Revista Jornalismo & Jornalistas*, nº53. Lisboa: Clube de Jornalistas, pág. 34.

assessor de imprensa, diz que "o melhor assessor de comunicação é o que não passou pelo jornalismo. Hoje em dia, uma entidade pública ou um ministério quando quer comunicar não quer dizer que comunique apenas através do jornalismo. (...)hoje em dia o desafio é muito maior. Eu se fosse assessor de um ministro nunca contratava um ex-jornalista. Queria alguém que ampliasse a minha mensagem"<sup>57</sup>.

Um dos elementos chave da atividade do jornalista, nos eventos políticos, é o assessor de comunicação, por isso a relação entre um e outro é tão próxima. Ao longo do dia, os jornalistas iam ligando a Pedro Salgueiro (assessor de comunicação do CDS) para que saísse do conselho nacional e viesse dizer o que se estava a passar. Sabendo, através de outros jornalistas e de outros casos, que devemos sempre desconfiar e confirmar o que nos é dito (aliás, como é função do jornalista), ficava perplexa com a confiança que os jornalistas depositavam naquilo que o assessor de comunicação do CDS lhes transmitia, reproduzindo as informações nos diretos, ainda que ele fosse, durante muito tempo, a única fonte de informação do evento. Será que os jornalistas acreditam na tese que Vasco Ribeiro, assessor de imprensa, defende - "Nós, os assessores, vivemos da credibilidade da mesma forma que os jornalistas vivem. Por isso, não consigo aceitar que um assessor de imprensa, como estratégia use a mentira para atingir um fim"<sup>58</sup>? Esta é talvez a única questão que não consegui ver esclarecida ao longo do estágio na editoria de política.

---

<sup>57</sup>BRITES, Maria José (2013). "A assessoria de imprensa trabalha em cima das brechas do jornalismo" in *Revista Jornalismo & Jornalistas*, nº53. Lisboa: Clube de Jornalistas, pág. 34.

<sup>58</sup>*Ibid.*, pág. 35.

## **Balanço do Estágio**

Durante o estágio a minha aprendizagem atravessou algumas dificuldades, as quais tentei ultrapassar. Quando comecei na agenda a minha maior dificuldade foi conseguir fazer todo o trabalho que aquela área implica: atender o telefone e escrever as histórias que me contavam, ao mesmo tempo, no ENPS (programa informático de agendamento) para enviar a uma das minhas coordenadoras na agenda, agendar os eventos e escrever sucintamente em que é que cada um consistia, agendar, semanalmente, a agenda da Lusa (agência de notícias portuguesa) e confirmar os eventos. Num dos muitos dias de trabalho, uma das coordenadoras viu que eu tinha agendado mal dois eventos, um no que respeita ao dia, outro no que respeita à hora, o que acabou por ser prejudicial para a equipa que ia fazer a cobertura dos eventos. Nesse momento percebi o quão importante é a agenda na função de informar e a necessidade imperativa do rigor. Na agenda, tive que começar a trabalhar a minha agilidade e o meu poder de síntese para superar a maior adversidade do jornalista - a falta de tempo<sup>59</sup>. Foi um trabalho complicado de gerir e onde nem sempre atingi o objetivo pretendido.

Creio que seria vantajoso para os alunos de mestrado e de licenciatura realizar uma aula prática de agendamento, onde se incluía um exercício de escrita sumária, relativa a um determinado evento, e um exercício de seleção de eventos, em revistas e jornais, que "mereçam" ser agendados.

---

<sup>59</sup>A falta de tempo no jornalismo deve-se ao advento da Internet e das plataformas digitais, o que conduziu a um aceleração na circulação de informação. Em consequência deixou de haver tempo para pensar e para elaborar, por exemplo, trabalhos de grande profundidade (também eles condicionados por fatores económicos), de que é exemplo a grande reportagem.

Na edição de fim de semana senti a responsabilidade de representar a SIC. Cometi muitas falhas, nomeadamente, na escrita dos textos para as peças. Era demasiado palavrosa e redundante nos *offs* que escrevia, o que me levou a reestruturar algumas vezes os meus textos. No que respeita às entrevistas, percebi que não devemos levá-las preparadas, ao contrário do que me recomendavam nas aulas de televisão que tive como opção livre, quando ainda estava na licenciatura. Devemos ter uma ou duas perguntas na cabeça mas não nos devemos condicionar ao que escrevemos no papel, porque o que possibilita ou não uma boa entrevista é o meio e a nossa capacidade de “jogar” com ele. A passagem por esta editoria fez-me perceber o quão difícil é escrever uma peça que seja curta e concisa e, também, a dificuldade que existe em produzir uma peça de modo a que fique concluída num curto espaço de tempo. Os trabalhos que executamos para a faculdade, se forem planeados com tempo e obedecermos à planificação que fizemos, são feitos com alguma tranquilidade, mas numa televisão a contingência do tempo empurra-nos para um estado de *stress* que nem sempre abona a favor da qualidade do nosso trabalho. Para além disso, o facto de dependermos da disponibilidade alheia não nos permite, muitas vezes, cumprir o calendário pré-definido para o trabalho que nos é destinado.

As madrugadas da SIC Notícias foram, por si só, uma grande escola. A equipa é muito pequena, tem cerca de dez elementos, e consegue assegurar os noticiários da 01:00h até às 06:00h com rigor e qualidade. A entrega, o empenho e o *stress*, valores comuns na atividade jornalística, são levados ao máximo. Na primeira semana estava em aprendizagem, por isso não tive oportunidade de me focar em muito mais do que a forma correta de escrever *offs*.

Talvez resulte do facto de não ter feito a licenciatura em jornalismo, mas sinto que deveríamos fazer exercícios de escrita de *offs* nas aulas, porque tem uma lógica diferente dos *offs* que escrevemos para uma peça. Enquanto numa peça temos margem para fazer uma contextualização do caso que noticiamos, um *off* tem de ser o mais objetivo possível, pois só dá ao jornalista cerca de trinta segundos para explicar o que aconteceu.

Percebida a lógica da escrita deste tipo de texto, comecei a fazer montagem de imagens, com cerca de trinta a quarenta segundos, para acompanhar os *offs*, no programa de edição de imagem Sony XPRI<sup>60</sup>. Este programa tem um banco de imagens incorporado, proveniente de agências noticiosas nacionais e internacionais (Lusa, APTN, Reuters - as mais usadas), o que torna o acesso às imagens mais rápido. Na faculdade aprendemos a trabalhar com o Adobe Premier Elements 7/Adobe Premier Pro CS6 e apesar das ferramentas de edição serem as mesmas, penso que o facto de aprendermos, desde logo, a trabalhar com os programas de edição utilizados nos canais de televisão, como a SIC, só abonaria a nosso favor; pelo menos já seríamos mais ágeis e poderíamos ajudar mais e melhor, neste caso, os pivôs das madrugadas. No âmbito geral, senti que a falta de tempo dos jornalistas para nos ensinar, com calma, a trabalhar com os programas nos deu uma formação rudimentar, que algumas vezes não serviu para cumprir as tarefas em tempo útil, fazendo com que por vezes o trabalho não fosse feito pelos estagiários.

A editoria de política foi, como disse, onde me senti mais acompanhada e onde considero que aprendi mais. O facto de não ter que fazer peças nem *offs* para integrar o telejornal, retirou-me o stress e a responsabilidade de

---

<sup>60</sup>Anexo B.



representar e manter a qualidade da marca SIC. Acredito que esta desresponsabilização tornou possível a apreensão de determinados pormenores e de métodos de trabalho que antes não me havia sido possível identificar e conhecer. Assim sendo, penso que teria sido mais benéfico para a minha aprendizagem ter começado pela editoria de política e só depois passar para a edição de fim de semana, ou seja, ter, primeiro, oportunidade de saber como fazer para depois saber fazer.

Recordo que a Paula Santos, editora de política e minha coordenadora na editoria, me deu vários *feeds* da Lusa e da Reuters para treinar a escrita e arranjou sempre tempo para os ler e corrigir. O acompanhamento da Paula, assim como de José Manuel Mestre e Carla Rodrigues (e da Joana Latino, em alguns momentos), foi crucial na minha aprendizagem e evolução. Apesar de não ter feito nenhuma peça para passar nos telejornais, acompanhei durante cerca de dois meses o trabalho dos jornalistas da equipa de política, essencialmente, da Carla Rodrigues e do José Manuel Mestre. Estive presente em alguns dos momentos mais marcantes da política portuguesa, como o anúncio dos cortes para 2013/2014, por Pedro Passos Coelho, e a receção dos partidos da oposição pelo Primeiro Ministro, com o objetivo de encontrar soluções para os cortes no orçamento de estado. No fim de cada "serviço", designação da gíria jornalística para o trabalho de determinado jornalista, fazia um texto e depois apresentava-o à Paula Santos ou então ao jornalista com quem tinha saído em reportagem. Não raras vezes a correção resultava nos mesmos comentários "foste muito palavrosa" ou então "não contextualizaste a peça", algo que, por vezes, é indispensável à compreensão da mensagem de determinada notícia. Com empenho e muito trabalho fui tentando ultrapassar as minhas fragilidades, sendo certo que ainda

tenho muito que aprender e que só a experiência pode minorar os erros. A peça sobre o encontro entre Carlos Silva (secretário geral da UGT) e Cavaco Silva foi escrita, sonorizada e montada por mim, depois de ter acompanhado Carla Rodrigues, e é um exercício que demonstra a aprendizagem que fiz na editoria de política<sup>61</sup>.

O balanço do estágio é bastante positivo. Aprendi, essencialmente, que ninguém está imune ao erro por mais anos de profissão que se tenha e que não devemos dramatizar quando cometemos falhas, mas aprender com elas.

Jornalismo não é uma ciência exata, por isso o resultado do trabalho de um jornalista nunca vai ser igual para todos quantos o veem. Mas no final o denominador é comum - o telespectador. Para o jornalista a conta certa é estar no local e descodificar a mensagem, para que o público conheça e compreenda os temas da atualidade.

---

<sup>61</sup>Anexo 11 (CD).

## **Conclusão**

A SIC é um canal privado cheio de história, baseada na ambição, no profissionalismo e na inovação. São 20 anos a procurar novas formas de informar, melhores meios técnicos e a apostar nos jovens jornalistas do futuro. A redação de informação é pequena, mas nela mora uma grande equipa de profissionais que se assemelha a uma família. Os textos que cada jornalista escreve são dados a ler aos colegas para que assim possam saber se estão extensos, se são perceptíveis ou até para perguntar se existem sinónimos para determinadas palavras.

Os trabalhos que desenvolvi refletem o ambiente de entreaajuda e aprendizagem que se vive na SIC. É necessário e imperativo dar o salto da academia para a prática. Todas as reportagens que fiz e acompanhei ajudaram-me a perceber como é que funciona, na realidade, uma televisão por dentro - como é que se fazem entrevistas, que condicionalismos existem, por que processos passa a execução de uma peça e quanto tempo demoram. A maior aprendizagem que trouxe tem a ver com a capacidade de superar os erros e aprender com eles. Recordo-me do quanto sofria e me martirizava por errar, até que um dia um dos jornalistas com quem trabalhei me disse que ninguém é imune ao erro, por mais anos de profissão que se tenha estamos sempre a aprender. A manifestação de 2 de março de 2013 - *Que se lixe a Troika* - é um exemplo de como ninguém está imune aos erros, sobretudo quando não são nossos mas das tecnologias a que estamos amarrados para trabalhar. Os meios técnicos impediram a Joana Latino (jornalista da equipa de domingo) de realizar o primeiro direto. Outros se seguiram e num em especial surgiu o maior dilema do meu estágio. A Joana entrevistou um jovem a quem perguntou, nomeadamente, se tinha consciência de que estava a "comandar" uma manifestação, nessa altura o jovem abraçou-

a e ela retribuiu o abraço. Na altura questionou-se se a Joana tinha agido bem em corresponder ao abraço do jovem, ao que ela respondeu que é um ser humano e que agiu por impulso. A este propósito, recordamos as palavras de António Damásio, "Se o leitor tiver alguém que lhe conte duas histórias comparáveis, com igual número de factos e que apenas diferem porque numa delas alguns dos factos têm um elevado conteúdo emocional, o leitor lembrar-se-á de um número muito maior de pormenores da história emotiva do que da outra"<sup>62</sup>. Assim sendo, é legítimo que o jornalista se coíba de agir como ser humano quando está a fazer um direto (porque não há hipótese de cortar o que "não interessa")? Ser jornalista implica que estejamos numa redoma, alheios ao contacto com o público?

Na editoria de política o trabalho é diário e obriga a estar a par do que se escreve e diz sobre os políticos e a política portuguesa. É com base nesse conhecimento que se pensa nas perguntas a fazer às figuras que tem que se entrevistar.

Os homens políticos também estudam o que se diz deles e arquitetam a forma de se pronunciar sobre o que é dito e o que querem que se diga, no plano da comunicação política. O Conselho Nacional do CDS-PP é um exemplo disso, mais do que um evento concreto ele era o veículo de resposta a dois acontecimentos anteriores - a remodelação no Governo e a ausência de Paulo Portas na tomada de posse dos novos ministros.

O pequeno ecrã foi palco da encenação do secretário geral do CDS, inspirada nas técnicas da comunicação política, que primeiro não queria falar com os jornalistas mas que por fim resolveu "dizer" qual foi o motivo pelo

---

<sup>62</sup>DAMÁSIO, António *apud* LOPES, Felisbela (2008). *A TV do Real - A Televisão e o Espaço Público*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra, pág. 126.

qual faltou à cerimónia de Estado. Ao longo do dia Pires de Lima e Nuno Magalhães foram recrutados para falar em nome do partido, representando os companheiros de equipa disciplinados de que Erving Goffman fala no livro *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*.

O conselho nacional dos centristas foi matéria de notícia nos dias 14 e 15 de abril de 2013 e foi, também, objeto de personalização através de Pires de Lima, Nuno Magalhães, Paulo Portas e João Almeida.

Nesta reportagem, aprendi que os grandes eventos políticos são cobertos pelos jornalistas com a ajuda dos assessores de comunicação, neste caso de Pedro Salgueiro, e à custa de muitas horas de espera, porque só existem movimentações pontualmente, uma vez que este tipo de eventos decorre à porta fechada.

O estágio foi uma grande experiência profissional, que deitou por terra alguns ensinamentos que me foram sendo dados na faculdade. Desde a necessidade de evitar planos de corte quando estamos a ver e ouvir um vivo de um político, por exemplo, até à importância de saber lidar com o meio quando estamos em reportagem, não nos condicionando às perguntas que pensámos e reproduzimos em papel, tudo contribuiu para perceber que há coisas da teoria que não têm aplicação prática. Se assim é, se aprendemos a fazer jornalismo com a prática, se houve quem dissesse que para ser jornalista bastava ter vocação (e muitos são-no por vocação e não por formação), para quê um curso em Jornalismo?

Corria o ano 2003 e a "inadequação dos conhecimentos requeridos e a perpetuação dos mesmos métodos de trabalho parecem mostrar que a profissão busca referências neste domínio e tem alguma dificuldade em definir os contornos

de uma «bagagem mínima comum»<sup>63</sup>. Perante isto, e sendo necessária formação, porque não conciliamos a reflexão teórica com a realização de um estágio? Estas são as perguntas que lanço. Depois de muito refletir sobre elas, penso que é chegada a altura de partilhar as minhas inquietações para que possamos chegar a uma conclusão.

---

<sup>63</sup>RIEFFEL, Rémy (2003). *Sociologia dos Media*. Porto: Porto Editora, pág. 150.

## **Bibliografia**

CALADO, Vanda (2007). "O Tratamento dos Eventos Partidários na Imprensa Portuguesa: Mediação e Discursos Jornalísticos". FERIN, Isabel (coord.), *Jornalismo e Democracia*. Lisboa: Paulos Editora.

CAMPONEZ, Carlos (2011). *Deontologia do Jornalismo*. Coimbra: Edições Almedina.

CURRAN, James e SEATON, Jean (2001). *Imprensa, Rádio e Televisão - Poder Sem Responsabilidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

GOFFMAN, Erving (1993). *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Lisboa: Relógio D'Água.

GUÉGUÉS, Helder (2011). *Livro de Ouro - SIC 20 Anos*. Lisboa: Guerra e Paz.

LOPES, Felisbela (2008). *A TV do Real - A Televisão e o Espaço Público*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra.

MAAREK, Philippe J. (2009). *Marketing Político y Comunicación - Claves para una buena información política*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A.

MESQUITA, Mário (2004). *O Quarto Equívoco - O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra.

RIEFFEL, Rémy (2003). *Sociologia dos Media*. Porto: Porto Editora.

SWANSON, David L. (1995). "El Campo da Comunicación Política. La Democracia Centrada en los Medios". MUÑOZ-ALONSO, Alejandro, ROSPIR, Juan Ignacio, *Comunicación Política*. Madrid: Editorial Universitas.

WEBER, Max (2000). *A Política como Profissão*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, Lda.

### ***Publicações Periódicas***

BRITES, Maria José (2013). "A assessoria de imprensa trabalha em cima das brechas do jornalismo" in *Revista Jornalismo & Jornalistas*, nº53. Lisboa: Clube de Jornalistas.

LIMA, Fernando (2011). "A importância da agenda" in *Revista Campaigns & Elections Brasil*, nº1. S.l.: Political World Communications LLC.



**Anexos**



## Comunicado à Imprensa

### Vimeca prorroga a utilização do passe social até 30 de junho de 2013

Como é do conhecimento público, em 5 de dezembro de 2012, a Vimeca Transportes formalizou por escrito, a todos os operadores da Área Metropolitana de Lisboa, dando o devido conhecimento às Autoridades competentes de transportes, a denúncia da sua participação no sistema de passes intermodais, vulgarmente conhecidos como passes sociais, sendo cumprido por esta empresa o prazo de 90 dias, estipulado por lei, de permanência nestes passes após a sua denúncia, tendo o mesmo terminado no passado dia 5 de março.

Todavia, e no seguimento das conversações havidas com as Autoridades competentes de transportes, a Vimeca decidiu adiar a restrição da utilização dos passes intermodais nas suas carreiras por mais 90 dias, de forma a permitir que neste prazo seja encontrado um acordo sustentável com o Estado para a liquidação dos valores em dívida há muito vencidos.

Conforme já transmitido às Autoridades competentes de transportes, e aos demais operadores, a Vimeca está vivamente empenhada em assegurar uma mobilidade sustentada a todos os seus clientes, onde se incluem os utilizadores dos passes sociais, através de um serviço de qualidade e com máxima segurança.

A Vimeca Transportes não está indiferente a toda esta situação e, por isso, decidiu prorrogar a aceitação de todos os passes sociais nas suas carreiras, acreditando que dentro dos próximos 90 dias estejam cumpridas todas as obrigações do Estado para com a empresa.

Queluz de Baixo, 25 de março de 2013

A Gerência

#### Sobre a Vimeca:

A Vimeca Transportes, Lda. foi constituída a 21 de setembro de 1931. A empresa atua como operador de transportes públicos nos concelhos de Lisboa, Oeiras, Amadora e Sintra. Com cerca de 600 colaboradores, 400 dos quais motoristas, dispõe de uma frota de 232 autocarros. A Vimeca opera 83 carreiras regulares, efetua por dia 4.144 circulações, transportando mais de 150 mil passageiros, aos quais disponibiliza uma rede de vendas composta por 14 agentes e 11 postos Vimeca.

Estrada Consiglieri Pedroso, 81 - Queluz Baixo - T: + 351 210 974 700 / F: + 351 214 352 802  
2730-260 Barcarena - Portugal



UNIVERSIDADE DE COIMBRA